



ISSUE N.

002

JANUARY/2022

EITAMAGAZINE.COM

EITAI!

★ ★ ★ ★ MAGAZINE

FANTASTICAL
BRAZILIAN
TALES COMPENDIUM

CAMARGO / JÚNIOR
MONTENEGRO / MURAKAMI
TOSCANO & LOPES
AUTHORS



table of contents

[Editorial - Português](#)

[Editorial - English](#)

[Casa de Vó](#)

[Granny's House](#)

[Buchada - Português](#)

[Buchada - English](#)

[Pelas Mãos de Batchan](#)

[Through Batchan's Hands](#)

[O Banquete do Alienígena](#)

[The Alien's Feast](#)

[Ventre Livre](#)

[Free Womb](#)

[O Defunto](#)

[The Deceased](#)

[Agradecimentos / Acknowledgments](#)

Eita! é uma revista criada para promover a ficção científica e fantasia brasileiras para o público estrangeiro, revelando as tendências da nossa FFC e inserindo a produção brasileira na discussão cultural internacional.

Eita! is a magazine created to promote Brazilian science fiction and fantasy to a foreign audience, revealing the tendencies of our national SFF works and to insert Brazilian production in the worldwide cultural discussion.

Créditos dessa edição / Credits for this issue:

Edição/Edited by André Colabelli, Iana A., Lucas Ferraz, Natalle Moura, Vanessa Guedes

Preparação/Copyedited by Iana A., Júlia Serrano, Luiza Cantoni, Natalle Moura, Renata Torres, Vanessa Guedes

Direção de arte/Visual concept by Raphael Andrade

Capa/Cover art by Maria Abelhas

Equipe de comunicação/Communications team: Larissa Picchioni, Lígia Colares, Júlia Serrano, Raphael Andrade

Design do e-book/E-book design by Lucas Ferraz

E36 Eita! Magazine / ed. Iana Araújo ... [et al.] ; direção de arte Raphael Andrade. – N. 2 (jan. 2022)- . – Recife, 2022-

Periodicidade semestral.

ISSN 2763-8227

Disponível em <https://www.eitamagazine.com>

Equipe fixa: Iana Araújo, Lucas Ferraz, Vanessa Guedes, André Colabelli, Natalle Moura (pessoas editoras); Júlia Serrano, Larissa Araújo, Lígia Colares (comunicação); Raphael Andrade (direção de arte).

1. Literatura brasileira. 2. Ficção científica. 3. Fantasia.

I. Araújo, Iana.

CDU 821.111(81)

Catálogo na publicação: Natascha Helena Franz Hoppen – CRB10/2150

Este e-book foi montado usando o software Sigil e as fontes Alfa Slab One e Brasilêro.

This eBook was composed using the software Sigil and the fonts Alfa Slab One and Brasilêro.

© 2022, Eita! Magazine

www.eitamagazine.com

editor's note

I que você está lendo é um banquete preparado coletivamente pelas mãos cuidadosas de pessoas escritoras, preparadoras, tradutoras e editoras brasileiras. Também é uma série de “primeiras vezes” para a Eita! Magazine: sua primeira edição bilíngue e temática; seu primeiro financiamento coletivo e sua primeiríssima edição de 2022.

A Eita! Magazine ainda é uma criaturinha muito jovem. Com o lançamento desta edição (número 2, mas na verdade nossa terceira investida no mundo da edição de ficção SFF brasileira em inglês), estamos no mercado há apenas um ano e meio. Não é muito, mas o que conseguimos durante esse curto período de tempo é.

Com a edição #0, nossa primeira tentativa, tivemos o prazer de ter uma de nossas histórias indicadas para o Science Fiction and Fantasy Rosetta Awards 2020, na categoria Melhor obra traduzida de SFF: short-form com “The Witch Dances”, escrito por Thiago Ambrósio Lage, traduzido por mim e editado por Marina Ferreira. Por mais que invistamos tempo e talento (tudo não remunerado) no zine e esperemos ir longe, a indicação foi uma surpresa – sim, esperávamos chegar lá, mas algum dia, não de primeira! Ainda era um projeto tão provisório que numeramos a primeira edição como #0, só por via das dúvidas.

Não tínhamos ideia de onde estávamos nos metendo. Na época, nossa equipe não tinha experiência no mercado anglófono, mal conhecíamos alguém. Éramos apenas um bando de tradutores, preparadores e editores com muita coragem e uma pitada de insanidade para começar essa coisa toda.

Infelizmente, não vencemos a categoria do Rosetta Awards, mas o que dizem sobre ser uma honra apenas ser indicado é absolutamente verdadeiro para a Eita! Magazine, especialmente de cara com a edição #0! Esse tipo de reconhecimento alimenta nossa paixão por esse projeto, e saber que nossos autores foram lidos do Japão à Europa e aos EUA também é algo que deixa realizados.

Pensar na quantidade de apoio que o zine reuniu me emociona – encontramos bons amigos internacionais em todo o mundo, brasileiros expatriados dispostos a ajudar o projeto, assinantes leais em nosso Patreon e, agora, ao nos tornarmos bilíngues, encontramos em nossa comunidade brasileira de escritores o mesmo fogo que toda a nossa equipe tem. Em menos de um fim de semana, conseguimos arrecadar 100% do dinheiro de financiamento coletivo que precisávamos para lançar esta edição. Não só isso, atingimos 175% da nossa meta e conseguimos adicionar mais um autor nessa edição!

Apesar de tudo o que o nosso país tem passado com a atual (des)administração, conseguimos manter esse projeto com o apoio das comunidades nacional e internacional, na esperança de que traga não só coisas boas para os nossos autores, mas também um pouco de consolo em tempos tão sombrios. Por meio da ficção, queremos fazer o possível para tornar essa realidade um pouco mais suportável, trazendo a diversidade na forma de diferentes vozes autorais.

Nos últimos dois anos, cerca de 37 escritores brasileiros publicaram em zines anglófonos^[1]. Destes, 16 foram publicados pela Eita! Magazine em seu ano e meio ativa, cerca de 45% do total, todos bem pagos para os padrões do mercado brasileiro. Isso nos deixa muito felizes e mostra que estamos atingindo nosso objetivo de mostrar vozes brasileiras através de histórias de imaginação e incredulidade. Essa edição não é diferente.

Apresentamos um grupo diverso de pessoas escritoras de todo o país, ousado dizer o grupo mais diversificado de autoria brasileira que você vai ler em inglês (por enquanto)! Há uma história para todos os gostos: horror rural com *Buchada* de Frederico Toscano, uma história sobre fome ambientada no sertão profundo do Brasil; uma pitada de *New Weird* e fantasia com *Pelas mãos de batchan* de Giu Yukari Murakami, sobre memória e herança culinária; uma colherada de história de bruxa e representatividade com *Casa de vó* de Saren Camargo, em um cenário campestre cheio de magia caseira; uma fatia de ficção científica bem brasileira com *O banquete do alienígena*, de Luísa Montenegro, sobre como um grupo de brasileiros fortes recebe um visitante do espaço; uma colherada de história de fantasmas com *Ventre Livre* de Wilson Júnior, sobre vingança e uma cozinheira habilidosa; e, por fim, uma pitada de horror clássico com *O defunto*, de Thomaz Lopes, onde morte e fome se entrelaçam.

Espero que você esteja pronto para esse bacanal de histórias. Saboreie-as com atenção, cada uma tem um tempero próprio.

Iana A.
Editora-chefe

Recife, Brasil

Janeiro de 2022

[1] Segundo o [Index of Brazilian SFFH Writing in English](#) compilado por Dante Luiz.

What you are reading is a banquet, collectively prepared by the careful hands of Brazilian writers, copyeditors, translators, and editors. It's also a lot of firsts for Eita! Magazine: its first bilingual and themed issue; its first crowdfunded one; and its first issue, period, of 2022.

Eita! Magazine is still a very young little thing. As of the release of this issue (numbered 2 but actually our third venture in the world of editing Brazilian SFF fiction in English), we've only been around for about a year and a half. It's not a lot, but what we've achieved during this short period of time actually is.

With issue #0, our very first attempt at this, we had the pleasure of having one of our stories short-listed for the Science Fiction and Fantasy Rosetta Awards 2020, in the Best SFF translated work: Short-form category with "The Witch Dances", written by Thiago Ambrósio Lage, translated by yours truly and copyedited by Marina Ferreira. As much as we invest time and talent (all unpaid) in the zine and expect to go far, the shortlist came as a surprise—yes, we did expect to get there, but someday, not with our first try! It was such tentative project still that we numbered the first issue as #0, just in case, you know.

We had no idea where we were getting ourselves into. At the time, our team didn't have any experience on the anglophone market. We barely knew anyone. We were just a bunch of translators, copyeditors, and editors with a lot of courage and a pinch of insanity to get this thing started.

Alas, we did not win that Rosetta category, but what they say about being an honor just to be nominated is absolutely true to Eita! Magazine, especially coming right out of the gate with issue #0! This sort of recognition fuels our passion for this project, and knowing that our authors have been read from Japan to Europe to the USA is also something that makes us feel accomplished.

To think of the amount of support the zine has gathered makes me emotional—we found good international friends across the globe, expatriate Brazilians willing to help the project along, loyal Patreon subscribers, and now, by becoming bilingual, we found within our Brazilian writing community the same fire our entire team has. In less than a weekend, we were able to raise 100% of the crowdfunding money we needed to launch this issue. Not only that, we made 175% of our goal and we were able to add one more author to our Table of Contents!

Despite everything our country has been going through with the current (dis)administration, we were able to keep this project going with the support of national and international communities, in the hopes that it'll bring not only good things to our authors but also a little solace in such dark, dark times. Through fiction, we want to do whatever we can to make this reality a little more bearable, by bringing forward diversity in the form of many different voices.

In the past two years, about 37 Brazilian writers have been published in anglophone zines^[1]. Of these, 16 were published by Eita! Magazine in its year and half active, about 45%; all of them well-paid for the Brazilian market standards. That makes us very happy and it shows that we are achieving our goal of showcasing Brazilian voices through stories of fancy and disbelief. This issue is no different.

We have a diverse set of authors from all over the country, dare I say the most diverse bunch of Brazilian authors you'll get to read in English (for now)! There is a story for every taste: rural horror with Frederico Toscano's *Buchada*, a story of hunger set in the deep sertão of Brazil; a pinch of New Weird and fantasy with Giu Yukari Murakami's *Through Batchan's Hands*, about memory and culinary heritage; a spoonful of witch story and representation in Saren Camargo's *Granny's house*, on a countryside backdrop full of homely magic; a slice of very Brazilian science fiction with Luísa Montenegro's *The Alien's Feast*, about how a group of brave Brazilians welcomes an outer space visitor; a scoop of ghosts in Wilson Júnior's *Free Womb*, a story of revenge and a skilful baker; and, finally, a dash of classical horror with Thomaz Lopes' *The Deceased*, in which death and hunger entwine.

Hope you're ready for this feast of stories. Savor them carefully, each one has a flavor of its own.

Iana A.
Editor-in-chief

Recife, Brazil

January 2022

[1] According to Dante Luiz' [Index of Brazilian SFFH Writing in English](#).

casa **de vó**

ESCRITO POR

Saren Camargo

EDITADO POR

Iana A.

PREPARADO POR

Renata Torres



Os barulhos do mato faziam uma parte antiga da mente zunir de aflição. Aquele não era seu lugar. A vontade era de correr de volta pelo muro que tinha pulado e esquecer daquilo.

Não que tivesse para onde voltar.

Mordeu o lábio, tentando respirar devagar para manter a mente calma.

A casa de taipa caiada parecia um fantasma no escuro, e ela podia jurar que os vaga-lumes acompanhavam suas passadas como uma escolta até o momento em que seus pés encontraram o caminho de terra batida que levava até a porta.

Olhou por cima do ombro. A luminosidade dos holofotes na central de distribuição de eletricidade ainda era visível além do muro. Era como se a cidade acabasse ali, uma fronteira muito bem marcada antes do desconhecido.

Tinha mais segurança nos ombros quando continuou andando. Aquela certeza de que não queria voltar atrás, que não havia nada na cidade para ela. Estava cansada de subempregos e olhares tortos, do jeito como desprezavam seu conhecimento e esperavam que se sujeitasse às expectativas daquele mundo cinza. Era quase uma dor física ter que levantar da cama na quitinete, enquanto sentia o cheiro estagnado de cigarro e ouvia os barulhos do viaduto perto da janela, sabendo que havia uma vida além do muro, onde era possível tatear os fios da realidade para conseguir as coisas que queria. Um lugar onde os símbolos que a avó tinha ensinado quando era criança, riscados de giz no chão, teriam um poder muito mais vibrante, onde ninguém questionaria a realidade do seu corpo; havia tanto para viver e fazer além dos muros.

Como tinha ouvido a falecida avozinha contar, empurrou a porta de madeira crua, o gemido das dobradiças cortadas na madeira deixando ver a casinha escura, iluminada apenas pelas brasas do fogão de lenha. Respirou fundo, atravessando o espaço até a porta que dava para o terreiro atrás da casa. Lembrou das casas que visitava quando criança, a avó levando-a pela mão enquanto ia fazer rezas e benzimentos, o frescor da taipa deixando o calor do lado de fora junto com seus medos. Lembrou de cada detalhe que a avozinha insistiu que memorizasse sobre o que fazer se encontrasse aquela

casinha que ficava além do muro. Bebeu água da bilha perto da porta para se acalmar, o sabor fresco e argiloso deixando o pensamento mais afiado, a sensação elétrica de seu sangue despertando nas veias, expulsando a vida cinzenta que tinha se entranhado no corpo magro durante o tempo vivido na cidade, enquanto saía para o terreiro de chão batido, onde o café secava ainda, as ervas desconhecidas plantadas por trás da cerca emaranhada de taquara. Ergueu o balde e foi tirar água do poço, ouvindo atenta para ter certeza de que a dona da casa ainda estava longe. Era vital que fizesse tudo o que a avó tinha instruído antes que a senhora da casa voltasse, porque ela podia sentir de longe a intenção de alguém, e podia tirar uma vida com pouco mais de um gesto.

Do jeito que a avó ensinou quando era menina, fez o fogo pegar colocando mais lenha no fogão, com cuidado para não afogar as brasas. O escuro não fugia da luz do fogo, como um tecido que só ficasse um pouco mais translúcido, ainda ocupando tudo.

Encheu a chaleira com a água do poço, achou uma panela e saiu mexendo pelas coisas até ter tudo que precisava. Farinha de milho, leite, melaço. Podia sentir os olhinhos miúdos de tudo que a observava em cada fresta e cada sombra, com uma inteligência que coisinhas pequenas assim não deveriam ter.

O cheiro do mingau de milho se espalhou conforme a colher de pau fazia um som ritmado no fundo da panela de ferro, fofo e perfumado, alimento e memória.

Serviu uma gamelinha para os pequenos espíritos domésticos que a observavam. Era como se de repente a casa a acolhesse.

— Não vão queimar a boca, heim — Enquanto falava, não tinha coragem de olhar o que eram.

A mão tremia quando acendeu uma vela no fogão e foi procurar a cortina que separava o quarto do resto da casa.

Lá dentro, achou com esforço uma lamparina de óleo. Aquela sim dissipava a escuridão, deixando ver a cama simples, a esteira, a mesa de cabeceira, estantes de livros, potes e garrafas. Tentou não reparar em como o corpo da lamparina tinha a forma branca de um crânio.

Mordeu o lábio, procurando, agoniada com o tempo curto que ainda tinha, até achar a vassoura. Varreu, tirou as teias de aranha, bateu travesseiros e afofou a palha do colchão.

Demorou mais do que gostaria para encontrar as coisas de fazer café, a angústia de não terminar a tempo ficando forte no peito.

Sentou-se em um banquinho de três pés perto do fogão enquanto a água fervia, o estojo de lantejoulas apoiado no colo, contando os comprimidos nas cartelas para saber quantos dias teria antes de precisar pedir ajuda para a senhora da casa para lidar com os hormônios — sabia que teria respostas, porque a senhora entendia das coisas de todas as mulheres.

Tinha acabado de derramar a água quente e as ervas do escalda-pés na bacia quando ouviu barulho lá fora. Pela porta aberta, viu surgir da quina da cerca de taquara um vaqueiro branco, de cabelos brancos, vestido também de branco, em um cavalo pálido, que atravessou o terreiro e seguiu para longe. O coração acelerou, aquela sensação de que tinha visto algo que era um segredo do que existia por trás do mundo comum. O sol nasceu, a casa se enchendo com a luz fosca daquela primeira hora do dia.

Um minuto mais, e a porta abriu.

A moça pulou para o lado da porta, de cabeça baixa, se oferecendo para pegar a bolsa pesada que a velha levava.

— Bença, madrinha.

A velha apertou os olhos, observando a pessoa jovem que estava ali. O short jeans feito de uma calça cortada, a regata grande demais para o corpo magro, as pernas compridas marcadas de arranhões e pancadas. O cabelo raspado curto, as orelhas com furos, mas sem brincos, o rosto desajeitado e áspero de quem mal terminou de crescer e já viu tanta coisa.

— Minha benção, eu acho.

A moça sorriu.

— Essa sua afilhada quis ser útil, madrinha. A senhora deve estar cansada.

Foi guiando a velha desconfiada até a mesa, servindo uma tigela de mingau, trazendo uma caneca de café. Já ia se oferecer para lavar os pés dela quando a senhora estalou a língua, a voz séria dando ordens.

— Pegue a lata de biscoito na prateleira e um queijo.

O coração batia forte de ansiedade enquanto levava as coisas para a mesa. O mingau amarelinho parecia deixar o sol mais forte conforme a velha comia, e o café perfumado parecia levar as sombras para dentro dela conforme ela bebia. Cada mordida nos biscoitos de manteiga parecia levar os barulhos do dia para mais perto.

A senhora tirou a faca do cinto e cortou uma fatia de queijo para si, e outra para a moça.

— Então, minha afilhada quer aprender meu ofício.

Pegou a fatia de queijo branco, que derretia na boca, e soube que não seria capaz de mentir nenhuma vez para a velha, porque a mentira iria derreter do mesmo jeito. Acenou que sim, insegura. A velha puxou sua mão, olhando as linhas com uma expressão fechada, e sabia que cada segredo do seu passado ou futuro eram conhecidos.

— Hum. Vai ter de servir.

A moça sorriu. A velha olhou daquele jeito severo, batendo a mão na coxa.

— Vamos te arranjar um vestido e um lenço para o cabelo. Tem muito trabalho para você aqui em paga do seu estudo, mas ninguém vai dizer que a vovó não cuida das filhas.

A velha levantou, empurrando a caneca de café na direção dela. Bebeu de um gole levantando para seguir sua madrinha, e soube que pelo resto de seus dias, lembraria daquela manhã como a que iniciou seu destino.

Enquanto atravessavam a cortina, no terreiro um vaqueiro vermelho, de cabelos vermelhos, vestido também de vermelho, em um cavalo vermelho, correu estalando o chicote, e lá fora já parecia meio dia.



SAREN CAMARGO

Saren escreve e faz umas bagunças visuais, é professor de arte e agitador cultural para viver - em todos os sentidos da frase. Cria do ABC paulista, vive em São Paulo com seus amores. Queer e trans.

Twitter: https://twitter.com/Saren_Lykos



granny's **house**

WRITTEN BY
Saren Camargo

EDITED BY
Iana A.

TRANSLATED BY
Natalle Moura

COPYEDITED BY
Júlia Serrano



The noises of the woods made an old part of her mind buzz with distress. That was not her place. She wished to run back over the wall she had jumped and forget about it.

Not that there was anywhere to go back to.

She bit her lip as she tried to breathe slowly to keep her mind calm.

The white rammed earth^[1] house looked like a ghost in the dark, and she could have sworn fireflies followed her steps like an escort until her feet found the dirt path that led to the door.

She looked over her shoulder. The glare from the spotlights at the electricity distribution station was still visible beyond the wall. It was as if the city ended there, a well-marked border before the unknown.

She felt security wrap her shoulders when she continued walking. That certainty that she didn't want to go back, that there was nothing in the city for her anymore. She was tired of underemployment and crooked eyes, of the way they despised her knowledge and expected her to submit to the expectations of that gray world. It was almost a physical pain having to get out of bed in her small flat — while smelling the stagnant smell and hearing the noises of the overpass outside, near her window — and knowing that there was a life beyond the wall, where you could feel the threads of reality to get the things you wanted. A place where the symbols her grandmother had taught her as a child, chalked across the floor, would have a much more vibrant power, where no one would question the reality of her body; there was so much to live and do beyond the wall.

As she had heard her deceased granny tell her, she pushed open the raw wooden door, the groan of the hinges embedded into the wood revealed the small house full of darkness, lit only by the embers of the wood stove. She took a deep breath and crossed the space to the door that opened onto the backyard. She remembered the houses she used to visit as a child, her grandmother used to take her by the hand as she went to say prayers and blessings; the refreshing air of the rammed earth left the heat outside along with her fears. She remembered every detail her grandmother insisted she memorize about what to do if she found that little house beyond the wall. She drank water from the clay jug near the door to calm herself, the fresh-

ness and clayey taste sharpened her mind, the electric sensation of her blood roused in her veins and expelled the gray life that had crept into her thin body during her time in the city. She drank as she went out into the dirt-paved yard, where coffee beans were still drying, the unknown herbs planted behind the tangled bamboo fence^[2]. She grabbed a bucket and went to draw water from the well. She kept listening carefully to make sure the owner of the house was still far away. It was vital she did everything her grandmother had instructed her to do before the old lady returned because the woman could sense someone's intent from afar and could take a life with little more than a gesture.

Just as her grandmother had taught her when she was a little girl, she started the fire by adding wood to the stove carefully as to not smother the embers. The dark didn't flee from the firelight, like a fabric that only got a little more translucent, but still covered everything.

She filled a kettle with water from the well, found a pot, and went snooping around until she had everything she needed. Cornmeal, milk, molasses. She could feel the tiny eyes of everything that watched her in every crack and every shadow, with intelligence that little things like that shouldn't have.

The smell of corn porridge spread as the wooden spoon made a rhythmic sound in the bottom of the iron pot; fluffy and fragrant, food and memory.

She served a small bowl for the little house spirits who watched her. It was as if the house suddenly welcomed her.

"Don't go burning your mouth, okay?" As she spoke, she didn't dare to look at what they were.

Her hand trembled as she lit a candle on the stove and went to find the curtain that separated the bedroom from the rest of the house.

Inside, she struggled to finally find an oil lamp. That one did dissipate the darkness, it revealed the simple bed, the mat, the bedside table, book-cases, pots, and bottles. She tried not to notice how the lamp's body was shaped like a white skull.

She bit her lip while searching, distressed with the brief time she still had, until she found the broom. She swept, removed the cobwebs, dusted off pillows, and fluffed the straw of the mattress.

It took longer than she would have liked to find the coffee-making things, the anguish of not finishing in time kept getting stronger in her chest.

She sat on a three-legged stool near the stove as the water boiled. The sequined small case resting on her lap while she counted the pills to see how many days she had before she had to ask the lady of the house for help with her hormones — she knew she would have answers because the lady understood the things of all women.

She had just poured the hot water and herbs for the footbath into the basin when she heard a noise outside. Through the open door, she saw emerge from the corner of the bamboo fence a white, white-haired cowboy, dressed also in white, on a pale horse, who crossed the yard and walked further away. Her heart sped up, that feeling that she had seen something that was a secret of what lay behind the common world. The sun rose, the house filled with the dim light of that first hour of the day.

A minute later and the door opened.

The young lady jumped to the side of the door with her head down, and offered to pick up the heavy bag the old woman was carrying.

“*Bença*^[3], godmother.”

The old woman squinted her eyes as she watched the young person standing there. The denim shorts were made of cropped pants, the tank top

was too big for the thin body, the long legs were marked with scratches and bruises. The shaved short hair, the ears pierced but with no earrings, the clumsy, rough face of someone who has barely grown up and has seen so much.

“My blessing, I think.”

The young woman smiled.

“This goddaughter of yours wanted to be useful, godmother. You must be tired.”

She led the old woman full of distrust to the table, poured a bowl of porridge, brought her a mug of coffee. She was about to offer to wash her feet when the lady clicked her tongue, her serious voice issued orders.

“Take the biscuit tin from the shelf and some cheese.”

Her heart pounded with anticipation as she carried the things to the table. The yellowish porridge seemed to make the sun brighter as the old woman ate, and the fragrant coffee seemed to bring the shadows into her as she drank. Each bite of the butter biscuit seemed to bring closer the day's noises.

The lady took a knife from her belt and cut a slice of cheese for herself and another for the young woman.

“So, my goddaughter wants to learn my craft.”

She took the offered slice of white cheese, which melted in her mouth, and knew she wouldn't be able to lie even once to the old woman because the lie would melt the same way. She nodded, unsure. The old woman pulled the lady's hand suddenly, looked at her palm lines with an unreadable expression, and she knew that every secret of her past or future was known.

“Hmm. That'll have to do.”

The young lady smiled. The old woman looked in a stern way, then slapped her hand on her thigh.

“We'll get you a dress and a scarf for your hair. There's a lot of work for you here in exchange for your education, but nobody's going to say that granny doesn't take care of her daughters.”

The old woman stood up, pushed the coffee mug towards the young woman. She drank in a gulp, rose to follow her godmother and knew that, for the rest of her days, she would remember that morning as the one that started her destiny.

As they crossed the curtain, in the backyard, a red cowboy, with red hair, also dressed in red, on a red horse, galloped cracking his whip, and outside it was already noon.

[1] *Taipa*, in Portuguese. They are traditional dwellings made of white-washed mud, common in Portugal and Brazil.

[2] *Cerca de taquara*, in Portuguese.

[3] An old catholic tradition of asking the respected elders for their blessing. It's a condensed version of “may you bless me?” in which the elder answers “(my) blessings (to) you”. It is quite common in some regions of Brazil.



SAREN CAMARGO

Saren writes and creates visual mishmash. He is an art teacher and a cultural agitator for a living—in every meaning. Raised by the Paulista ABC, he lives in São Paulo with his partners. He is queer and trans.

Twitter: https://twitter.com/Saren_Lykos



buchada

ESCRITO POR

Frederico Toscano

EDITADO POR

André Colabelli

PREPARADO POR

Natalle Moura



Primero foi o tilintar, insistente, buscando caminho pelas oiças dentro. Surgia e desaparecia como o vento — como se vento fosse — arrodando a casa, numa hora ali junto ao pé do ouvido, noutra, parecendo estar na beirada do espinhal. Foi por ali que Polidoro viu o bode pela primeira vez. Dias e dias daquele sino badalando em seu juízo, e era no pescoço do bicho que ele tocava. Achava estranho que fosse assim todo branquinho, sem uma

mancha preta que quebrasse aquela alvura de nuvem. E como nuvem, ele ia e vinha, se achegando e partindo quando bem entendia, nunca perto o bastante para tocar. Então vinha o sino, dando na cabeça de Polidoro, de longe irritante e rasteiro, de perto gritado e endoidecedor. Quitéria dizia homem, não se avexe não, que esse daí tem dono e é um que pode, não se meta. Quando perguntou quem era o coronel ou delegado que deixava pastar solto o bode por aí, ela respondeu que não era nem um nem outro. O bicho pertencia ao Rei de Espinhos.

Polidoro não acreditava em Deus, diabo ou rei de qualquer categoria ou espécie, muito menos um que jamais se mostrava além do espinhal que era seu domínio. Queria mesmo era pôr as mãos calejadas de enxada no bode branco, pois além do sino irritante, a fome também arrodeava sua casa. Essa se tornava cada vez mais difícil de ignorar, instalando-se naquela secura que não acabava mais, esturricando as plantações, chupando as carnes dos bois e outros animais até fazê-los esqueletos sob o sol que pesava na cabeça. E o bode lá, gordo, pimpão, trotando para lá e para cá, incapaz de dar um mé ou bé que fosse, mas badalando o sino no pescoço, como um martelo de ferreiro na bigorna que era a mente de Polidoro. Resolveu que ia pegá-lo para si e para a mulher, que não gostou quando ouviu a ideia. Benzeu-se vezes sem conta, repetindo homem, faça isso não, ali tem dono e a parada é dura. Quitéria tinha lá suas ojerizas e seus medos, mas calou-se sob a autoridade nos olhos do marido. Polidoro deu-se por satisfeito e saiu de casa, facão na mão, pois era incrédulo, mas também não custava se prevenir.

Partiu atrás do tilintar, seguindo o ouvido e as marcas no chão rachado. Rodou e rodou, o som indo e vindo, como se mangando da sua persistência. O sol castigava a cabeça e dava combustível ao ódio que queimava Polidoro por dentro. Afinal, quando já ia dar por perdido, viu. O bode estava parado junto à beirada do espinhal, quieto e calado, como se esperasse. Olhou os

chifres e estranhou. Não eram os cornos que costumava ver nesse tipo de animal, que se diferenciavam mais pela cor e tamanho. Eram galhadas tronchas e negras, cobertas de espinhos. A brisa acarinhava a sineta de quando em quando, como que chamando. Polidoro foi. Só quando muito perto o bicho se mexeu, embrenhando-se entre os galhos secos. Seguiu por entre os arbustos e sarças, o homem atrás. Quanto mais Polidoro se entranhava, mais leve o sol ficava em sua cabeça, as galhas pontudas e retorcidas parecendo agarrar a luz, sem deixar que tocasse o chão. E o bicho indo, sabia-se lá para onde, talvez junto do dono. Polidoro estremeceu. Decidiu que já caminhara demais por aquela refeição. Deu uma carreira, e dela um pulo. Pegou o bode pelos chifres e gritou quando os espinhos se enfiaram em sua mão. A raiva e a dor comandaram o golpe, e o facão desceu certo no pescoço alvo. Uma, duas, três vezes, até o bode parar de se remexer, sem dar um berro sequer. O sino caiu, badalando uma última vez.

Polidoro guardou a lâmina e, com a mão boa, foi arrastando a carcaça para longe dali, seu sangue se misturando ao do bode morto, a pelagem agora maculada de vermelho. Só queria sair logo daquele espinhal e assim o fez, grunhindo e bufando com o peso que carregava. As galhas secas foram rareando e o sol voltou a malhar seu juízo. Seguiu em um manquejar penoso até a casa, ali naquele meio de nada, berrando o nome da mulher. Quando ela se achegou na porta, deixou o corpo ainda quente aos seus pés, mandando que ela tratasse bem dele, que a fome era muita e matar abria o apetite. Queria uma buchada^[1] com tudo o que tinha direito e mais. No começo, Quitéria balançou a cabeça, persignando-se e olhando para a caatinga ao longe, como se esperasse que algo saísse de lá e marchasse em sua direção. Mas olhou a figura medonha que o marido fazia, os olhos esbugalhados e a mão lavada de sangue, facão sujo passado na cinta. Obedeceu. Levou a carcaça para dentro e foi trabalhando, recolhendo o sangue que ainda havia,

abrindo a barriga e recolhendo os fatos para fazer o sarrabulho. Deixou separados agulha e linha, para costurar o estômago em bolas. A cabeça ela ferveu até os pelos caírem, que aquela buchada seria completa.

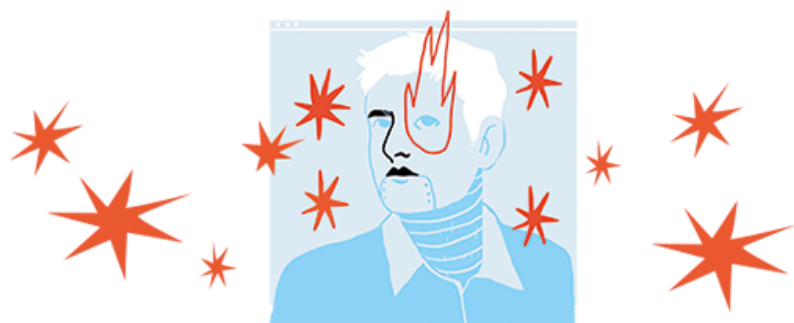
Então Polidoro deixou-se ficar do lado de fora, enrolando um cigarro na mão ferida, as roupas ainda empapadas de suor e sangue. Silêncio abençoado, pensou, olhando o horizonte crestado de sol, que afinal começava a descer pelo céu claro. De dentro da casa já vinha o cheiro do cozinhado, e ele agora salivava em antecipação. Que o dono aparecesse para reclamar, o convidaria para se sentar e comer, até dividir uma garrafa, que depois de uma lapada a amizade haveria de florescer. Se não, o facão continuava na cintura, nem limpou que era para o caso de ter que fazer uso novamente. Esperou e esperou, fumando sossegado e dando trela à fome que aumentava. Quando a mulher afinal serviu, atirou-se feito uma suçuarana à presa. Partiu as bolas de vísceras e esbaldou-se no sarrabulho, chupando os ossos, mastigando as tripas, engolindo os miúdos, juntando ainda uma cuia de farinha boa. Ali junto, a cabeça descarnada, língua desfalecida entre os dentes, com seus estranhos chifres retorcidos, parecia vigiar o banquete do próprio corpo. Quitéria se mostrou enfastiada, mas Polidoro não se fingiu de rogado, decidido a dar vencimento na buchada inteira, sozinho mesmo, e foi o que fez. Terminado, foi para fora, olhar o céu que se avermelhava de crepúsculo e peidar em paz. Assim ficou, tomando umas lapadas pequenas, cuidadosas, da cachaça, até que sentiu uma pontada.

Pobre quando come se lambuza. Lembrou-se das palavras da mãe e sorriu, experimentando um calor que vinha em ondas. Desacostumado à fartura, Polidoro suava um suor amarelo, grosso. Enxugava a testa nas mangas da camisa, praguejando baixo e alisando a barriga protuberante. Solto um peido estralado, depois outro, parecendo traque de massa em festa de São João. Nem ele aguentou a catinga. Se abanava e abanava o nariz com o cha-

péu, uns arrotos de queimar a garganta e assanhar o bigode. Sentiu que algo se remexia dentro de si. Abraçou a si mesmo, gemendo com os calafrios que desciam da nuca até o olho do cu. Da porta da cozinha, Quitéria olhava, desconfiada, enquanto o marido se contorcia. Agora grunhia feito porco, tremendo da cabeça aos pés, a camisa colada ao corpo de suor. Viu quando ele resolveu desabotoá-la, como se para dar espaço ao peito respirar. Então olhou para a barriga inchada, a carne ondulando sob a pele, que afinal se rompeu. O homem cobriu o rasgo com as mãos, como se quisesse conter o que de dentro dele saía, enquanto berrava de agonia. Quitéria imitou o grito quando viu o sangue descer, mais ainda quando do buraco despontaram os chifres espinhosos.

Polidoro se batia no chão enquanto o bode branco surgia do seu âmagô, silencioso a não ser pelo sino no pescoço. Aos poucos foi parindo o bicho enquanto urrava, cabeça primeiro, depois as pernas da frente e seus cascos, metade do corpo e afinal os quartos traseiros. Quitéria caiu de joelhos, reconhecendo a autoridade da criatura, a ela concedida pelo seu dono e mestre. Peço perdão, meu Rei, peço perdão, por Nossa Senhora e todos os anjos, peço perdão por mim e por esse homem que não sabe o que faz. Assim ficou por muito tempo, prostrada, até que o bode olhou para Polidoro ainda se estrebuchando, e depois para ela. Quitéria entendeu. Pegou agulha e linha, e começou a costurar o marido, jogando para dentro as tripas esparradas. O bicho virou as costas e partiu, o sino a badalar no pescoço quorado. Polidoro permaneceu entre os vivos, mas nunca mais se interessou por qualquer coisa que fosse. Passava os dias fora de casa, olhando para o nada, oco por dentro, no corpo e no juízo. Muito de vez em quando, a brisa batia vinda da mata e ele estremecia, escutando o tilintar do sino.

[1] Buchada é um prato feito a partir das entranhas do bode — rins, fígado e vísceras — cozidas em bolsas feitas com o estômago do animal.



FREDERICO TOSCANO

Frederico Toscano é recifense e historiador. Sua obra *À Francesa: a Belle Époque do Comer e do Beber no Recife* recebeu o terceiro lugar na categoria Gastronomia do Prêmio Jabuti de Literatura, em 2015. Tem contos de fantasia, horror e ficção científica à espreita em suas gavetas.

Facebook: <https://www.facebook.com/frederico.d.toscano>

Instagram: <https://www.instagram.com/fredericodeoliveiratoscano/>



buchada

WRITTEN BY

Frederico Toscano

EDITED BY

André Colabelli

TRANSLATED BY

Vanessa Guedes

COPYEDITED BY

Iana A.



At first the tinkling, insistent, opening its way through the ears. It came up and went away like the wind—as if the wind it were—surrounding the house, at moments close, at others, as if it were at the edge of the thorny shrubbery. That was where Polidoro first saw the goat. Day in, day out that bell clanging on his marbles, and it was on the animal's neck that it rang. He thought it was odd that the animal was all colourless, without a single

dark spot to break its cloudy whiteness. And like a cloud, it came and went, getting close and leaving whenever it wanted, but never close enough to be touched. Then it was the bell, banging on Polidoro's head; from afar irritating and creeping, from nearby shouted and maddening. Quitéria would say, my man, don't bother, this one has an owner who is mighty, just leave it alone. When he asked who was the colonel or sheriff that let the goat freely graze around, she said that it was neither. It belonged to the King of Thorns.

Polidoro did not believe in God, devil, or king of any rank or kind, much less in one who never showed himself beyond the thorny shrubbery that was his domain. He really wanted to put his hardened hands on the white goat. Besides the annoying bell, hunger also stalked his house, which was becoming harder and harder to ignore, settling in that never-ending dryness, scorching the crops, sucking the meat out of the cattle and other animals, until it made them skeletons under the sun that weighed on their heads. And there was the goat, all fat like a swashbuckler, trotting up and down, never making a sound but for the bell on its neck, like a blacksmith's hammer on the anvil that was Polidoro's mind. He decided to catch it for himself and his wife, who didn't like the idea. She crossed herself many times, repeating my man, don't do it, there's an owner there, it's a tough game. Quitéria had her fears and disgusts, but she remained silent under the authority of her husband's eyes. Polidoro was satisfied and left the house, machete in hand, for he was incredulous, but it didn't hurt to be safe.

He set off after the tinkling bell, following it by ear and by the marks on the cracked floor. He moved and moved around, the sound coming and going, as if mocking his persistence. The sun that punished his head was like fuel for the hatred burning Polidoro from inside. Finally, just when he was about to give up, he saw it. The goat was standing by the edge of the thorny shrubbery, still and quiet, as if waiting. He looked at the horns and noticed

how strange they were. They weren't the horns he was used to seeing on that kind of animal, which set themselves apart more by color and size. They were stumpy, black antlers covered with thorns. The breeze caressed the bell now and then, as if beckoning. Polidoro went towards it. Only when he was very close did the goat move, burrowing among the dry branches. It went through the bushes and briers, with the man following behind. The deeper inside Polidoro went, the lighter the sun was on his head. The pointy and twisted branches seemed to grab the light without letting it touch the ground. And the animal kept going, who knows where, perhaps to its owner. Polidoro shuddered. He decided he had already walked far enough for that meal. He sprinted and then jumped at the creature. He took the goat by the horns and screamed as the thorns dug into his hand. Anger and pain guided the blow, and the machete came down right on the target's neck. One, two, three times, until the goat stopped wriggling, without letting out a single cry. The bell fell down, ringing one last time.

Polidoro holstered the blade, and with his good hand dragged the carcass away, his blood mingling with the dead goat's, its fur now stained red. He just wanted to get off that bramble wood. So he did, grunting and huffing with the weight he was carrying. The dry shrubs became fewer and the sun came back to beat his senses. He limped painfully to the house, out there in the middle of nowhere, shouting his wife's name. When she came to the door, he left the still warm corpse at her feet, telling her to take good care of it, for his hunger was plenty and killing whetted the appetite. Polidoro wanted a buchada^[1], the dish, prepared with everything he was entitled to and more. At first, Quitéria shook her head, making the sign of the cross and looking at the caatinga in the distance, as if expecting something to come out of it and make its way towards her. But she looked at the hideous figure of her husband, his bulging eyes, his hand awash with blood,

and the dirty machete holstered on his belt. Then she did it. She brought the carcass inside and started working on it, taking all the blood that was still there, opening the belly and collecting the viscera to make the sarrabulho. She set needle and thread on hand, to then sew the stomach into balls. Quitéria boiled the head until all the fur fell out, for that buchada would be complete.

Polidoro stayed outside, rolling a cigarette in his wounded hand, his clothes still soggy with sweat and blood. Blessed silence, he thought, looking at the toasted horizon, through which the sun was finally descending. Already the smell of cooking wafted from inside the house, and he was now drooling in anticipation. The owner might come out to complain, but if so, Polidoro would invite him to sit down and eat, even share a bottle of cachaça. After a shot, friendship would blossom. If not, the machete was still in his waistband, he hadn't even cleaned it up just in case he had to make use of it again. He waited and waited, smoking quietly and enjoying his increasing hunger. When the woman finally served the food, he threw himself at it like a cougar at its prey. He broke the viscera balls and feasted on the sarrabulho, sucking the bones, chewing the guts, swallowing the innards, and adding a bowl of good cassava flour to the mix. Alongside it, the stripped head, droopy tongue between its teeth, with its strange twisted horns, seemed to be watching over the feast of its own body. Quitéria had no appetite, but Polidoro didn't pretend to care, determined he was to finish the buchada entirely by himself, and that's what he did. Once finished, he went outside to look at the sky that reddened with twilight, and fart in peace. Polidoro stayed there, taking small, careful sips of cachaça, until he felt a twinge.

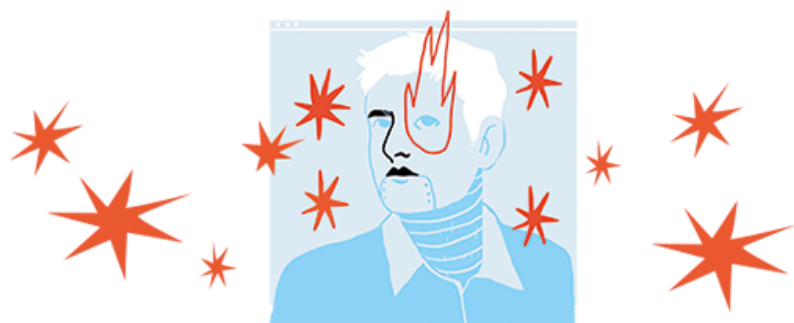
When poor folks eat they make a mess. He remembered this, his mother's words, and smiled, feeling a warm sensation coming in waves. Not

used to fullness, Polidoro sweated a thick yellow sweat. He wiped his forehead on his shirt sleeves, cursing under his breath and rubbing his bulging belly. He let out a loud fart, then another, sounding like bang snaps at a St. John's party. The man couldn't bear his own funk. He fanned himself and fanned his nose with his hat, a few burps burning his throat and twisting his mustache. He felt something stirring inside him. He hugged himself, groaning at the shivers that went down from the back of his neck to the bottom of his asshole. From the kitchen door, Quitéria watched with suspicion, while her husband squirmed. Now he was grunting like a pig, shaking from head to toe, his shirt sticking to his body with sweat. She saw when he unbuttoned it, as if to give his chest some breathing room. Then she looked down at his swollen belly, the flesh rippling under the skin, which then broke open. The man covered the gash with his hands, as if to contain what was coming out of him, bawling in agony. Quitéria echoed the scream when she saw the blood flowing down, and even more when the thorny horns sprang up from the hole.

Polidoro flailed on the ground as the white goat emerged from his core, quietly, save for the bell on its neck. Slowly he gave birth to the animal, howling, its head first, then the front legs and its hooves, half the body and finally the hindquarters. Quitéria sank to her knees, acknowledging the creature's authority, granted to it by its owner and master. I ask forgiveness, my King, I ask forgiveness, in Our Lady's name and all the angels, I ask forgiveness for me and for this man who does not know what he does. She remained like that for a long time, prostrated, until the goat looked at Polidoro still struggling, and then at her. Quitéria understood. She took needle and thread and began to sew up her husband, throwing the sprawling guts inside. The animal turned its back and left, the bell ringing on its creamy white neck. Polidoro remained among the living, but never again

showed any interest in anything. He spent his days out in the open, staring into nothingness, hollow on the inside, body and soul. Very occasionally, the breeze would whip up from the woods and he would shiver, listening to the tinkling of the bell.

[\[1\]](#) Buchada is a dish made from the goat's entrails—kidneys, liver and bowels—cooked in pouches made from the animal's stomach.



FREDERICO TOSCANO

Frederico Toscano is a historian from Recife, Pernambuco. His work *À Francesa: a Belle Époque do Comer e do Beber no Recife* received third place for the 2015 Jabuti literature award in the Gastronomy category. He has fantasy, horror and science fiction tales waiting in the wings.

Facebook: <https://www.facebook.com/frederico.d.toscano>

Instagram: <https://www.instagram.com/fredericodeoliveiratoscano/>



pelas mãos de batchan

ESCRITO POR

Giu Yukari Murakami

EDITADO POR

Lucas Ferraz

PREPARADO POR

Natalle Moura



Certa noite percebi que os galhos da mangueira plantada no quintal de casa começaram a avançar para a janela do meu quarto. No início não me importei. As sombras distorcidas sob a luz dos postes da rua não chegavam a me assustar. Pelo contrário, sentia um alento em ter aquela inusitada companhia depois de tantos meses sem receber uma visita sequer.

Tudo mudou quando os galhos invadiram a janela, acoplando-se nas bordas e se esticando até minha cama. Foi em uma madrugada de agosto. Lembro apenas de estar sonolenta, as pálpebras pesadas e o corpo mole demais para ficar tão preocupada com as sombras que pareciam adentrar meu quarto. Era só mais um sonho! Um sonho com um incomum cheiro de madeira e um ruído suave de folhas farfalhando, talvez real demais... Não sabia dizer. Quando amanheci, estava presa.

O susto verdadeiro me ocorreu antes mesmo que eu abrisse os olhos ao despertar naquela manhã: senti um aroma adocicado de manga e a aspereza dos galhos. Quando acordei por completo, sufoquei um grito. Os braços nodosos se aprumavam ao redor de mim como veias.

A princípio concentrei-me em respirar, temerosa de que a qualquer movimento fosse esmagada pela madeira. Depois de sentir minha palpitação desacelerando, empurrei os galhos e folhas para longe, tentando abrir uma passagem para sair da cama. Consegui me levantar, mas quando ia pegar o impulso para fugir, as ramificações se esticaram e se agarraram a mim. Soltei um gemido de dor quando os galhos espiralaram pelos meus braços em um processo lento que me deixou paralisada de medo. Por fim, a aspereza da madeira encontrou seu destino final em meus pulsos, onde os raminhos com folhas alongaram-se entre os dedos como uma capa que se estendia da minha coluna até as mãos.

Respirei fundo tentando processar aquela situação. Eu não poderia estar sonhando com um peso tão real em minhas costas, com uma sensação tão vívida de dor. Inúmeras perguntas passaram pela minha cabeça enquanto também pensava em pedir ajuda, mas de quem? Chamar a polícia ou os bombeiros? Ou até mesmo um botânico?

Tentei andar até o banheiro, mas os ramos da árvore me prenderam onde eu estava. Senti repuxarem meus ombros para trás, endireitando minhas

costas. Então, com um movimento brusco, viraram-me em direção à saída do quarto. De canto de olho, consegui ver que a mangueira permanecia estática do lado de fora, como se só os galhos tivessem consciência do poder que tinham sobre mim. Poder este que foi reforçado com empurrões e um peso cada vez mais esmagador. Quanto mais eu tentava parar de caminhar, mais forte os galhos me impeliam para a frente, até que, depois de sentir minha pele queimar de dor pelo esforço contraproducente, deixei-me ser conduzida para onde quer que a mangueira quisesse me levar.

Direcionou-me até a cozinha de casa, no andar de baixo. Pratos e copos sujos da noite anterior faziam a pia parecer uma zona de guerra. Imaginei o trabalho que teria assim que me livrasse da árvore. Chegava tarde, depois de um dia inteiro de trabalho e aulas da faculdade, e mal tinha tempo de engolir o que quer que estivesse na geladeira antes de subir e apagar de sono. Às vezes, dormia no sofá da sala, sem energia sequer para me chegar ao quarto.

Entre minhas divagações, as folhas dos galhos se esticaram como se tivessem tomado um susto com o cenário. Em seguida, os ramos do meu braço esquerdo repuxaram-no, fazendo-me erguê-lo bem diante dos meus olhos. A minha própria mão, encapada com os raminhos, fez um movimento involuntário juntando o dedo do meio ao polegar. Não tive tempo de processar como ela se mexia sozinha antes de receber um peteleco no nariz.

E ao sentir aquela dor tão familiar, meu coração saltou com uma lembrança.

— Batchan?

Meus braços, novamente sozinhos, fizeram um arco ao redor da minha cintura em uma pose de censura. Corei. Aquilo era impossível.

— Batchan, o que a senhora... O que tá havendo? Eu morri?

Minha mão direita movimentou o dedo indicador de um lado para o outro em negativa e então apontou para o calendário ilustrado com flores de cerejeira que ficava no balcão da cozinha próximo aos temperos.

— 13 de agosto. — Li alto e dei ombros. — O quê que tem?

Falar sozinha com galhos que faziam minhas mãos e braços se moverem contra a minha vontade, como se fossem minha batchan, era uma situação muito constrangedora. Optei por fingir para mim mesma que eu não era estudante do quarto ano de física na Universidade Federal do Pará, não que fosse difícil ignorar meus conhecimentos técnicos quando se tratava da minha família.

Batchan pareceu furiosa comigo. Deu-me outro peteleco.

— Égua, isso dói. Dá pra parar com isso, batchan? Por que me trouxe aqui?

Ela movimentou os galhos nas minhas costas, fazendo-me caminhar até a geladeira. Demorei alguns segundos para entender que ela queria que eu a abrisse. Quando o fiz, esticou meus braços vasculhando para pegar vários ingredientes: ovos, algas, a garrafa de plástico com o tucupi^[1] que comprei na feira do Ver-o-Peso e as raspas de gengibre que eu costumava colocar em sucos de abacaxi. Fechou a geladeira e espalhou os ingredientes na bancada próxima da pia.

Enquanto batchan usava minhas mãos para ligar o fogão, colocar uma frigideira para esquentar e pôr o gohan para cozinhar na máquina de arroz, eu tentava processar o porquê daquilo estar acontecendo comigo. Não que não sentisse saudades de batchan, mas ela estava morta havia uns sete anos e ninguém poderia lidar bem ao receber parentes falecidos em forma de galhos de mangueira.

Então arquejei.

— Minha Nossa Senhora, batchan — comentei, enquanto suas mãos habilidosas, ou melhor, *minhas* mãos habilidosas graças a ela, moviam-se velozes entre quebrar o ovo e mexê-lo numa tigela com *hashis* para depois colocá-lo na frigideira. — As tuas cinzas serviram de adubo pra essa mangueira. Quer dizer que se eu morrer, posso pedir pra me cremarem e jogarem minhas cinzas num ipê pra eu poder voltar como pétalas que ficam voando por aí? Pensando bem, por que a senhora só veio ago—

Minha mão esquerda tapou minha boca. Desta vez sufoquei um riso. Isso foi tão batchan que me deixou feliz e saudosa.

Ela continuou usando minhas mãos para preparar a refeição. Após cozinhar o arroz, deixou-o esfriar na frente de um ventilador enquanto fervia o tucupi e jogava alguns camarões frescos no caldo amarelado. O cheiro ácido invadiu minhas narinas contrastando com a suave maresia das tiras de algas espalhadas em um prato grande.

As cores e os cheiros da minha infância. Foi quando percebi o porquê de batchan apontar para o calendário.

Agosto era um mês importante. Nessa época, nossa antiga casa em Tomé-Açu se enchia de parentes e uma profusão de conversas em japonês e português se misturava ao barulho das facas usadas pelas titias e batchan ao cortarem os legumes. O ar se impregnava de aromas: o pitiú^[2] de peixe fresco da espécie que dava para comprar, o carê^[3] apimentado, a maniçoba^[4] com cheiro de folha e porco, o açaí terroso. Eram o resultado de várias histórias que se uniram ao longo dos anos.

Eu corria com meus primos pela casa brincando de pira-pegas e, de vez em quando, era a corajosa que me achegava à cozinha sem ninguém ver e roubava um makizushi bem recheado com gengibre, pepino, cenoura, ovo e frango. Quando passava ileso por batchan, levava o rolo inteiro para os pri-

mos. Quando ela me pegava, haja peteleco no nariz. Ao final do dia, já empanturrada de açaí, as esculhambações eram esquecidas.

Com o tempo, alguns tios-avôs faleceram. Doenças variadas, disseram: excesso de trabalho no Japão, sol quente na lavoura, doença da coluna torta, picado por uma Uwabami, um deles teve a alma levada pela Princesa da Lua... Quando criança, suspeitava de que metade daquelas histórias eram mentira, mas não importavam as circunstâncias: sabia que todos eles eram queimados até virarem cinzas. A primeira vez que vi um tio virar pó tinha uns dez anos e jurava que havia sido magia.

A vez da minha batchan foi quando eu já estava na faculdade. Meus pais, decasségus^[5], não estavam no Brasil nos últimos dias de vida dela. Apoiaram-me por ligações, mandando várias instruções e dinheiro do Japão. Lembro de acompanhá-la todos os dias e noites no hospital. Tentei fazer tudo o que me pedia em seu olhar silencioso. Não falávamos muito porque, em minha inocente ciancice ao achar que um dia teria tempo para aprender formalmente, nunca me esforcei para entender mais de japonês do que o básico do dia a dia. E batchan cresceu com sua própria língua, não havia como se adaptar ao português para superar as limitações que eu mesma tinha.

Foi em dezembro. Havíamos chegado do hospital após uma consulta de rotina quando o médico já havia me alertado de que não tinha jeito. Preparei sopa de missô para ela do jeitinho que gostava: com bastante soja. Ela tomou tudo e ficamos nos encarando por quase a noite inteira. Eu comentava como era minha faculdade, explicando termos científicos que ela nunca compreenderia. batchan ouvia tudo em silêncio antes de ela própria começar a falar sobre sua vida, ao menos, era o que eu supunha. Fingíamos as duas entendermos o que a outra dizia para eternizar um momento que minha lembrança me permitia alcançar sempre que me sentia sozinha.

Naquela noite, ela me deu um beijo na bochecha. Foi o primeiro beijo que recebi dela em todos os meus vinte anos. O primeiro e o último.

Aquela lembrança me sufocou e o ar que prendi se expandiu mais rápido do que pude me preparar. Sacudi meu corpo na vã tentativa de evitar que minhas lágrimas se derramassem nos bolinhos de arroz que minha batchan enrolava tão caprichosamente nas algas.

— Gomen^[6], batchan!

Ela usou minha mão esquerda para secar as bochechas. Senti a rigidez da madeira antes que batchan movimentasse meu polegar na maçã do meu rosto em um gesto de carinho. Dei um meio sorriso e deixei minha cabeça descansar na palma da minha... Da *sua* mão.

— Arigatou.

Continuamos a espalhar o arroz pelas algas pegando um pouco de camarão no tucupi para rechear os oniguiris. Prestei atenção em como ela fechava as pontas das algas em forma de triângulo enquanto amassava o *gohan*. A comida dela me fazia tanta falta quanto os tempos em que convivíamos juntas em Tomé-Açu. Ainda que fosse uma possessão assustadoramente anormal, precisava aproveitar que ela havia se apoderado tão bem do meu corpo na sua forma de árvore.

Batchan me usou para montar um pequeno banquete em uma bandeja de madeira: oniguiris recheados com camarão e tucupi, tiras de omelete adocicado acompanhado das raspas de gengibre e de cenoura. Com cuidado, ela moveu os galhos dos meus braços para apoiar a bandeja e me direcionou até a saída de casa. Quis contestar enquanto caminhava, atrapalhando-me enquanto abria a porta. Senti os ramos se desenroscarem de mim e batchan recuou até o interior da casa, desaparecendo da minha vista enquanto retornava pelo corredor da escada até meu quarto, desfazendo o trajeto que tinha percorrido com seus galhos.

Do segundo andar, batchan retrocedeu pela janela até seus ramos se posicionarem do lado direito da mangueira. Outro conjunto de galhos no lado esquerdo começou a se mover, contorcendo até que parecessem um par de mãos com dedos finos e folhosos. As mãos nodosas curvaram-se, como se estivessem ofertando algo, mas então o que seriam os dedos começaram a se abrir e fechar para dentro da palma: um convite para que eu me aproximasse.

Quando dei meu primeiro passo para fora da casa estranhei a rua deserta. O calor abafado da minha cozinha foi amenizado pelo vento matinal, um frio raro em Belém. Inspirei o aroma da grama alta e parei em frente à mangueira. A árvore parecia maior do que minhas lembranças de rotina, imponente em sua majestosa naturalidade em meio à selva de concreto.

Fixei-me nas folhas grandes que dançavam com a brisa, as mangas ainda verdes movendo-se discretas. Os galhos em forma de mãos apontaram o indicador para baixo. Demorei a entender para onde me apontava — de tão altas que estavam as gramas — até que um brilho me chamou atenção. Arrastei com o pé parte da relva e quase pisei em um porta-retrato em uma moldura de ouro folheado. Estagnei diante da foto de batchan e senti meus joelhos fraquejarem. As mãos de galho sustentaram meu peso e me ajudaram a ajoelhar diante da foto de minha vó.

— Batchan, eu sinto muito.

Trêmula, comecei a tirar as tigelas da bandeja e espalhar a comida ao redor de sua foto. Deixei minhas lágrimas caírem soltas enquanto sussurrava pedidos de desculpas. Há quanto tempo eu não lhe prestava homenagens a ponto de me esquecer que havia feito um altar especial para ela?

Toquei sua foto: ela vestia seu quimono de festas, o preto com flores douradas, as pétalas alongadas no fundo escuro. Ela sorria do seu jeito: um

não-sorriso silencioso, a linha reta que de vez em quando me assustava e encantava na mesma medida.

Agosto era o mês do Obon Matsuri, o Festival dos Mortos. Faziam sete anos ou mais que eu não prestava uma homenagem sequer a qualquer um dos meus parentes. Havia sido tempo demais, até mesmo para batchan, esquecida entre a grama alta do quintal da minha casa.

As ramificações da mangueira aproximaram-se novamente de mim. Algumas folhas esfregaram-se contra meu rosto, limpando minhas lágrimas. Soltei um riso enquanto tocava, desajeitada, os galhos, temerosa de quebrá-los, mas tentando transmitir todo o sentimento que me engolfava entre as lembranças do meu desmazelo e o carinho que sentia. Os galhos se agarraram em mim com força, enroscando-se como uma serpente espiralava uma árvore, uma ternura esmagadora que nunca antes havíamos experimentado. Abracei-os de volta enquanto fixava meu olhar nos oniguiris. No próximo ano, eu mesma enrolaria os bolinhos de arroz para Batchan. Suas mãos mereciam, enfim, descansar.

[1] Tucupi é o sumo amarelo extraído da raiz da mandioca brava quando descascada, ralada e espremida.

[2] Gíria paraense para o cheiro forte característico de peixe.

[3] Curry japonês, grafia brasileira.

[4] Prato que leva como ingrediente base a maniva, folha da mandioca moída. É uma comida apelidada de “feijoada sem feijão”.

[5] Trabalhadores estrangeiros no Japão, descendentes ou não de japoneses.

[6] Desculpa, em japonês.



GIU YUKARI MURAKAMI

Giu Yukari Murakami é autora paraense e nipo-brasileira. Escreve fantasia e ficção científica buscando unificar aspectos culturais da vivência nortista e da representatividade amarela em suas histórias.

Twitter: https://twitter.com/murakami_giu

Instagram: <https://www.instagram.com/giuyukarimurakami>



through batchan's hands

WRITTEN BY
Giu Yukari Murakami

EDITED BY
Lucas Ferraz

TRANSLATED BY
André Colabelli

COPYEDITED BY
Iana A.



In a certain night, I noticed that the branches from a mango tree planted on my house's front yard had started to creep inside my bedroom window. At first, I didn't mind it. The distorted shadows under the street-lights didn't frighten me, quite the opposite: it brought me respite to have such unusual company after so many months without even a single visit.

That all changed when the branches crept through the window, grabbing at its edges and stretching out to my bed. It was the dead hours of an August night. All I remember was that I was so sleepy, my eyelids too heavy and my body too tired to worry much about the shadows that seemed to seep into my room. It was but another dream! A dream filled with an unusual scent of wood and the soft rustling of leaves, maybe too real... I couldn't tell. When the sun rose, I was trapped.

The actual fright came to me even before I opened my eyes after waking up: I felt the sugary smell of mangoes and the roughness of the branches. When I woke up completely, I stifled a scream. The gnarled arms snaked around me like veins.

At first I focused on breathing, fearful that at any moment I might be crushed by the wood. After feeling my heartbeat slow, I pushed branches and leaves aside, trying to open a passage so I could leave my bed. I was able to stand up, but as I started to push myself to escape, the boughs stretched up and held on to me. I let out a painful cry as the branches spiraled around my arms in a slow process that left me paralyzed in fear. Finally, the roughness of the wood found its final destination on my wrists, where leafy twigs stretched amongst my fingers like a cape that extended from my back to my hands.

I took a deep breath, trying to comprehend the situation. It couldn't be a dream, not with such a heavy weight on my back, with such a vivid feeling of pain. Endless questions ran through my mind as I thought of asking for help, but who could help me? Should I call the cops or the fire department? Maybe even a botanist?

I tried to walk to the bathroom, but the tree branches held me still. I felt my shoulders being pushed, straightening my back. Then, with a sudden movement, I was turned towards the door and out of the bedroom. Out of

the corner of my eye, I could see the mango tree remained motionless outside, as if only its branches were aware of the power they had over me. Such power was reinforced through shoving and a growing sensation of crushing weight. The more I tried to stop walking, the harder the branches propelled me forward, and after I felt my skin burn in pain from the pointless struggle, I let myself be led to wherever the tree wished to take me.

It took me downstairs, to the kitchen. Dirty dishes and glasses from the previous night made the sink look like a warzone. I thought about the house chores I'd have to do once I got rid of the tree. I always came home late, after a full day of work and college classes, and I barely had time to eat whatever I could find in the fridge before I went up and slept like a log. Sometimes I'd just sleep on the couch in the living room, lacking the willpower to go up to the bedroom.

As my thoughts digressed, the leaves stretched as if startled by the sight. Next, the twigs on my left arm pulled it back, making me raise my hand in front of my eyes. My own hand, gloved in sapling, made an involuntary motion, bringing together my middle finger to the tip of my thumb. I had no time to understand how it was moving on its own before I flicked my own nose.

Feeling that familiar sting brought up a memory that made my heart jump.

"Batchan?" My arms, again on their own, drew an arch around my waist in a gesture of censorship. I blushed. That was impossible. "Batchan, what are you... What's going on? Am I dead?"

My right hand moved its index finger from side to side in a reproachful response, then pointed to the calendar illustrated with cherry blossoms that was on the kitchen counter, next to the seasonings.

"August 13th", I read it out loud and shrugged. "What about it?"

Even though it wasn't very hard to ignore my technical know-how when it came to my family, talking to tree branches that made my hands and arms move against my will, as if they were my batchan, made for such an embarrassing situation that I decided to pretend I wasn't a senior in a Physics undergraduate course at Universidade Federal do Pará.

Batchan seemed mad with me. She flicked my nose again.

"Égua, that hurts. Will you stop this, batchan? Why did you bring me here?"

She moved the branches in my back, making me walk to the fridge. It took me a few seconds to understand that she wanted me to open it. When I did so, she stretched my arms, searching around to take several ingredients: eggs, nori seaweed, the plastic bottle with tucupi^[1] I'd bought at the Ver-o-Peso street fair, and ginger shavings I used to put on pineapple juice. She closed the fridge and spread the ingredients on the kitchen counter, next to the sink.

Batchan used my hands to turn on the stove, put a frying pan over the heat and start preparing the gohan on the rice cooker, while I tried to understand why that was happening to me. It's not that I didn't miss batchan, but she'd been dead for some seven years and one couldn't be expected to deal very well when being visited by a dead relative in the shape of branches from a mango tree.

Then I gasped.

"Goodness, batchan", I said as her skillful hands, or rather, my hands, skillful thanks to her, moved quickly between breaking the egg and stirring it on a bowl using chopsticks, so it could then be placed on the frying pan. "That mango tree was fertilized with your ashes. Does that mean that if I die I could be cremated and have my ashes scattered on an ipê tree, and

could come back and fly around as petals? And on that note, why did you only come no--”

My left hand moved to hold my mouth shut. This time I had to stifle a laugh. That was such a batchan move it made me feel happy and nostalgic.

She kept using my hands to cook the meal. After the rice was done, she let it cool in front of a fan while she boiled the tucupi and threw some fresh shrimps on the yellowed broth. The acid smell invaded my nostrils, contrasting with the mildly salty scent coming from the nori seaweed stripes spread on a large plate.

Colors and smells from my childhood. That was when I understood why batchan had pointed out the calendar.

August was an important month. That was when our old home in Tomé-Açu was filled to the brim with relatives, and a profusion of conversations in both Japanese and Portuguese mixed with the noise of the knives batchan and the aunties used to cut vegetables. The air was heavy with fragrances: the pitiú^[2] of whatever kind of fresh fish we could afford, spicy carê^[3], the leaves-and-pork smell of the maniçoba^[4], the earthy açaí. That was the result of many stories that had come together over the years.

I would run along with my cousins around the house, playing tag, and sometimes I’d be the brave soul to sneak into the kitchen and filch a makizushi, well stuffed with ginger, cucumber, eggs, and chicken. When I managed to get past batchan, I’d take an entire roll to my cousins. When I got caught, instead I got endless flicks to my nose. By the end of the day, with a bellyful of açaí, all the scoldings would have been forgotten.

Over time, some of my great-uncles passed away. Several illnesses, they said: overwork in Japan, the hot sun while farming, crooked-spine disease, stung by a Uwabami, one of them had his soul taken away by the Moon Princess... As a child, I suspect about half those stories were lies, but the

circumstances didn't matter: I knew all of them would be cremated, burned to ashes. The first time I saw an uncle turn to dust I was ten years old, and I could swear it was magic.

When it was my batchan's turn, I was already in college. My dekasugi^[5] parents weren't in Brazil during her last days. They gave me their support through phone calls, giving instructions and money from Japan. I remember I was with her every day and night at the hospital. I tried to do all she asked through her silent eyes. We didn't talk much because I, like an innocent child, always thought I'd have time to learn Japanese the proper way, so I never made an effort to understand much of the language beyond basic everyday sentences. And as batchan had grown up using her mother tongue, she couldn't adapt to Portuguese to overcome my own limitations.

It happened in December. We'd arrived from a routine visit at the hospital when the doctor had already warned me that there was nothing to be done. I made her some miso soup just the way she liked it, with plenty of soy. She drank all of it and we stared at each other throughout the night. I told her about college, explaining to her scientific terminology she would never comprehend. Batchan listened in silence until she started talking about her own life, or, at least, so I supposed. We both pretended to understand each other so we could eternize a moment that my memory could reach whenever I felt alone.

That night, she gave me a kiss on the cheek. It was the first kiss I'd gotten from her in all my twenty years. The first and the last.

That memory choked me, and the breath I'd been holding expanded faster than I could be ready. I shook my body in a vain attempt to keep my tears from falling on the rice balls my batchan rolled so carefully in nori seaweed.

"Gomen^[6], batchan!"

She used my left hand to dry my cheeks. I felt the coarse wood before batchan moved my thumb along my cheekbones in an affectionate gesture. I half-smiled as I lay my head on my—her hand.

“Arigatou.”

We continued to spread rice on the nori seaweed, taking some shrimp from the tucupi to stuff the onigiris. I paid close attention to how she closed the edges of the nori seaweed in a pyramid shape as she squeezed the gohan. I missed her food as much as I missed the time we’d spent together in Tomé-Açu. As much as it was a frighteningly abnormal possession, I needed to take advantage of the fact that she controlled my body so well in her tree form.

Batchan used me to assemble a small feast on a wooden tray: onigiris stuffed with shrimp and tucupi, stripes of sweetened omelette accompanied by ginger and carrot shavings. She carefully moved the branches on my arms to support the tray and led me to the front door. I tried to protest as I walked, getting in my own way as I opened the door. I felt the boughs untangle from me, and batchan retreated into the house, disappearing from my sight while she backtracked through the stairway to my room, undoing the path her branches had taken.

From the second floor, batchan returned through the window until her branches were on the right side of the mango tree. Another set of branches started moving on its left side, contorting themselves into a pair of hands with thin, leafy fingers. The noodly hands showed what would be their palms, as if they were offering something, but its fingers started opening and closing towards the palm; they were inviting me to approach.

When I took my first step out of the house I found it strange how empty the street was. The heat from my stuffy kitchen was being softened by the morning wind, a rare cool temperature in Belém. I breathed deeply from the

scent of tall grass and stopped in front of the mango tree. It looked bigger than what I remembered, imposing in all its natural majesty amongst the concrete jungle.

I fixed my gaze in the wide leaves dancing against the wind, the mangoes still green, moving discreetly. The hand-shaped boughs pointed downwards. It took me some time to understand what they were pointing out, so tall the grass had grown, until a sparkle drew my attention. I opened part of the lawn aside and nearly stepped on a picture in a gold-foiled frame. I stood still before batchan's photo and felt my knees go weak. The branch-hands held my weight and helped me kneel before my grandmother's picture.

"Batchan, I am so sorry."

Trembling, I started to take the bowls from the tray and spread the food around the picture. I let my tears flow free as I whispered apologies. How long had it been since I'd last paid my respects if I even forgot the special altar I had made for her?

I touched her picture; she was dressed in her party kimono, a black one with golden flowers, their petals stretching along the dark background. She smiled in her usual way; a silent non-smile, a straight line that sometimes frightened and charmed me in equal measures.

August was the month of the Obon Matsuri, the Festival of the Dead. It had been seven years or more since I'd last paid my respects to any of my relatives. It'd been too long, even for Batchan, forgotten amongst the tall grass in my yard.

The boughs of the mango tree approached me again. Some leaves rubbed against my face, wiping off my tears. I laughed as I clumsily touched the branches, fearful I'd break them, but trying to convey all the feelings that flooded me, between the memory of my carelessness and the

love I felt. The branches grabbed me strongly, tangling into me like a serpent snaking up a tree, a crushing tenderness we'd never experienced before. I hugged them back as I stared at the onigiris. I would be the one to roll the rice balls next year. Her hands deserved to finally rest.

[1] Tucupi is a yellow juice extracted from wild cassava when it is peeled, grated and squeezed.

[2] Slang from the state of Pará for the strong smell typical of fish

[3] Brazilian spelling for Japanese curry.

[4] Dish that uses as a base ingredient “maniva”, ground cassava leaves. It's often called “beanless feijoada”.

[5] Term used in Brazil to describe Japanese descendants Brazilians that went to Japan to work temporarily.

[6] Japanese for “sorry”.



GIU YUKARI MURAKAMI

Giu Yukari Murakami is a Japanese Brazilian author from the Amazonian region. She writes fantasy and science fiction, bringing cultural elements from her life in the Northern region of Brazil and yellow people representativeness in her stories.

Twitter: https://twitter.com/murakami_giu

Instagram: <https://www.instagram.com/giuyukarimurakami>



O **banquete** **alienígena**

ESCRITO POR

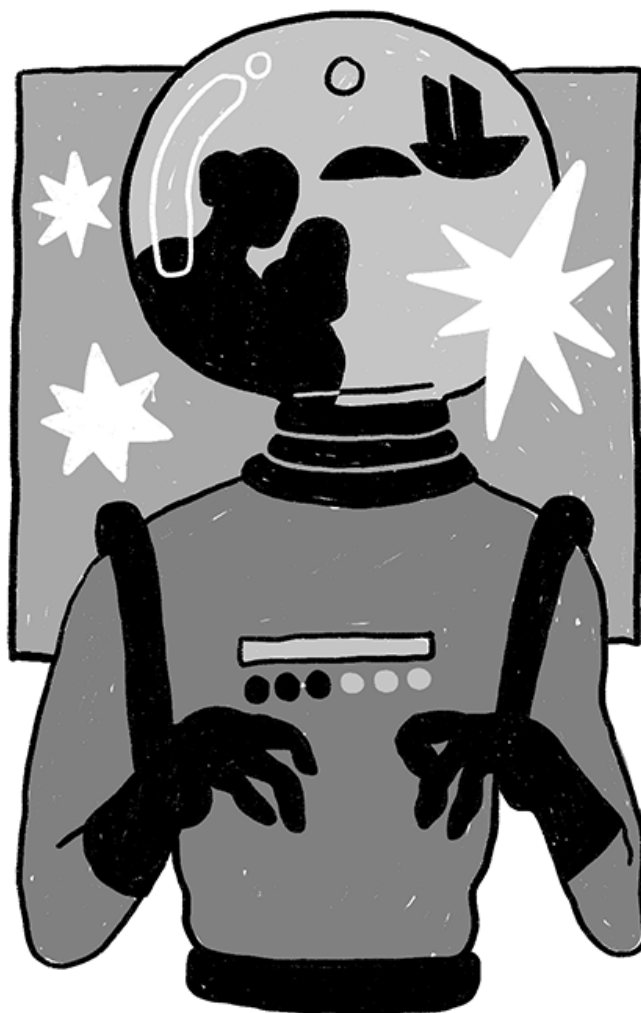
Luísa Montenegro

EDITADO POR

Natalle Moura e Iana A.

PREPARADO POR

Júlia Serrano



A última vez que vi mainha comer foi quando apareceu o alienígena na Cidade Livre. Eu era menina ainda, nem um metro e quarenta e cinco do chão. O alienígena era só um pouco mais alto que eu, a pele esverdeada e três olhos cristalinos na cabeça alongada, feito um louva-a-deus espacial.

No auge dos meus nove anos, eu já tinha visto de um tudo atravessando o País na boleia de um caminhão, debaixo de sol e chuva, mainha com o

ventre inchado do filho que ficou de pedágio nas estradas sertanejas de terra batida. Tinha visto uma cidade se erguer onde antes era só mato e barro vermelho, erigida nas costas de gente simples, comum que nem eu e você, mas gente que bem podia ser mágica. Eu tinha vida e morte, fome e sede, alegria e tristeza, tudo no repertório comprido de minha curta existência. Por isso, quando vi o recém-chegado, o capacete de aquário translúcido confundindo-se com as linhas curvas de Brasília, compreendi logo que era alienígena. Mas, naquela cidade construída com sangue e concreto, o que não era?

Talvez por isso o povo também não estranhou. Mainha foi quem viu primeiro, pras bandas da Novacap. Vendia os bolinhos que fritava no fundo do nosso barraco na ocupação, a bandeja escorada nos quadris minguantes — naquela época ela já comia bem pouquinho, feito pardal. Disse que viu uma linha riscando o céu e pensou que fosse balão ou estrela caindo. E tu fez desejo, mainha? Perguntei só uma vez, quando o povo arroteou ela querendo saber da história, mas mainha só me olhou de rabo de olho, o olho fundo de quem viveu muito mais vida do que seus vinte e tantos anos — ela não sabia dizer ao certo quantos —, e eu soube que não. E me calei.

Ei, isso aí não é engenheiro estrangeiro, não? Dona Maria da Venda me atropelou, e o povo debateu a ideia, porque os engenheiros estrangeiros eram tudo esquisito, cruzando o cerrado nuns carrão platinado, gritando ordem de cima das máquinas de construção, falando enrolado, a voz o mesmo que tivesse entornado um litro de cana, as esposas umas galegas varapau, uns galalaus de mulher, as unhas compridas, carmesim, mas de tinta e não de barro feito as mulheres das bandas de cá. Coisa de outro mundo, mesmo.

Mas mainha insistiu que não, que viu a nave-espaco-nave — que era assim que o povo chamava —, que estrangeiro debaixo do sol do planalto ficava de tudo quanto era cor, vermelho, rosa, laranja, mas onde é que já se viu estrangeiro verde? Com três olhos, além de tudo!, e Tia Neiva não dizia

que os alienígenas pousaram na Terra pra civilizar a humanidade? Vai que veio ver a cidade nova, ver os prédios, que tudo parecia mesmo espacial. Veio conhecer os habitantes, visitar o povo. Oxi, então é visita ilustre, concordaram — povo esse que, a despeito de levar a construção da cidade no lombo, só tinha visto o presidente umas poucas vezes, e de longe.

Eu me senti uma privilegiada, ainda mais que mainha que tinha encontrado o alienígena, que estava muito ereto ao lado do beliche onde dormia Ramiro mais Zé da Faca, mexendo numa anteninha que saía do capacete de aquário. Seu Alienígena, nessas bandas é pouca estação de rádio que pega, fiquei com vontade de falar, mas, mesmo que ele tivesse orelhas, não achei que ia ouvir, porque o povo tava todo cheio, dizendo bem-vindo ao nosso planeta Terra, o planeta mais bonito do mundo!, e o senhor já viu uma cidade mais moderna do que a nossa?, e esticava a mão, tirava o chapéu, dava batidinha nas costas dele. Na confusão, nossos olhares se cruzaram — a gente era praticamente da mesma altura, o alienígena e eu —, e percebi que ele estava tão curioso quanto o restante de nós.

Depois que eu já era moça e mainha era a dor física de sua lembrança, a memória do banquete do alienígena me voltava nas noites mais solitárias, nas horas infinitas no caixa do supermercado, nos anos-luz balançando em um ônibus até a universidade pública, no coração daquela cidade futurística em forma de avião, alienada no meio do cerrado, alienígena. O local da Terra mais propenso a contatos imediatos de qualquer grau.

Ninguém sabia o que dar de comer pro alienígena, é cafezinho?, é comida de santo?, é comida de festa?, então o povo foi trazendo tudo quanto era comida diferente, oferecendo um pedacinho de sua história. Ali, a gente era quase tudo do Norte e do Nordeste. Tinha gente que era da floresta, da praia e até do meio do caminho entre a floresta e o agreste, dos sertões da caatinga e tinha gente como mainha e eu que tinha descido pra fugir da seca ser-

taneja. Cada estado do Nordeste nas linhas dos rostos, nos calos das mãos. Em menor número, tinha o povo dali mesmo de Goiás, de Minas Gerais, do Mato Grosso, com sua cozinha mais adaptada ao cerrado, que não é nem Amazônia, nem Caatinga, nem Pantanal, mas que também não deixa de ser.

O povo foi levando mesa, cadeira, tamborete, caixote de madeirite, colocando tudo no centro de uma quadra de esportes onde os mestres de obra e os peões se enfrentavam no futebol. Quem não podia levar um prato levava viola, uma voz afinada, um trago de bebida, e quando a notícia correu, a Cidade Livre toda veio conhecer o alienígena, sentado no centro da mesa coletiva improvisada; mainha ao lado dele, toda prosa, que até sorria — parecia outra pessoa. Pato no tucupi, arroz com pequi, buchadinha de bode, frango com quiabo, o povo apresentava, falando alto e pausado pra ver se o alienígena entendia, e o cabra não quer uma caninha pra descer a comida, não?, e o alienígena pegava o copo de geleia de mocotó com as pinças alongadas, abria a boquinha diminuta e bulia no líquido translúcido com uma língua comprida de inseto intergaláctico, o capacete há muito esquecido, rodando pelas mãos da criançada. Se a comida tinha muita pimenta — Rita era famosa pela comida quente, filha de Iansã com paraense, abriu até restaurante frequentado por político —, ou se a cana era da braba, os três olhos do alienígena lacrimejavam e o povo caía na gargalhada, batia nas costas dele e oferecia farinha ou leite pra quebrar o ardor.

Lá pelas tantas, o alienígena levantou do caixote, meio troncho, meio rindo com a boquinha diminuta, um gel azulado escorrendo do alto de sua cabeça estirada, parecendo bicado e empanzinado, feito o resto do povo no banquete. Então, fez um discurso estalando a língua comprida. Pelo menos, o povo disse que foi discurso, porque entender, entender, ninguém entendeu — mas não estranhou, também, porque naquelas bandas a gente tava era acostumado a ouvir discurso de autoridade que não dizia nada, o mesmo

que outra língua. Buliu nuns botões no peito de seu uniforme furta-cor e uma portinhola se abriu, feito ele fosse tronco seco, e da portinhola surgiu um caninho prateado, e antes que o povo pudesse abrir carreira — só o que faltava, o alienígena ser jagunço de fazendeiro ou pior, polícia da Novacap —, o caninho cuspiu um monte de bolhas brilhantes.

O povo bateu palma, a criançada pulando, tentando catar as bolhas, que pousavam em nossos pratos vazios e estouravam, formando uma gelatina esverdeada. É comida de alienígena, é?, o povo torceu o nariz. Vou lá comer isso?, parece nem comida, mangaram, mas mainha levantou a voz, vocês não tem educação?, tem que dar uma provinha pelo menos, senão é desfeita, e levou a colher à boca. O povo todo prendeu a respiração, encarando mainha, que deu sua bicadinha de passarinho e sorriu, confiante. Valente demais, mainha. Tão valente que o povo animou de provar a gororoba, sorrindo amarelo pro alienígena, gostoso, muito bom, exótico, né?, tomando outro trago de cana pra empurrar, deixando o restinho pros cachorros magros da ocupação, voltando à comida do nosso próprio mundo, da nossa própria cidade.

Mainha sorriu a noite inteira e comeu as iguarias que o povo ofertava ao alienígena, ciscando de um prato e de outro, feito o pardal que estava se tornando, e que, em menos de um ano, avoaria pro lado de Nossa Senhora, da qual era tão devota. Se economizava nas porções, esbanjava nos sorrisos. Distribuía elogios ao preparo, ao tempero da comida, ela mesma cozinheira de mão cheia, admirada até naqueles tempos magros dos bolinhos da Novacap. Uma rainha, uma diplomata, a representante da Terra para enviados extraplanetários. Tão valente que desafiou a fome, que desafiou a pobreza. Onde já se viu pobre não querer comer?, o povo maldizia quando ela já estava bem ruinzinha, acamada, porque a crença é que o pobre tem que comer, e comer o que tiver.

Quando mainha se foi, demorei foi tempo pra aceitar. Culpei o agreste, a boleia do caminhão, a desocupação da Cidade Livre, a “Capital da Esperança”, que tinha dado tanta desilusão a ela. Botei culpa até no pobre do alienígena, que naquela noite provou tudo quanto foi prato, compartilhou sua comida extraplanetária — que na boca não tinha gosto, mas que talvez ele gostasse, afinal, nada se compara à comida de nossa própria terra — e até dançou e fez um som de canto esfregando as pinças que tinha no lugar das mãos. Porque foi só o alienígena voltar pra seu planeta de origem que mainha começou a murchar, e aí a memória do banquete ficou assim agri-doce.

De um lado, as comidas fumegantes, os cheiros dos temperos se misturando, as vozes tudo se fundindo em risadas, que não têm dialeto nem sotaque diferente.

Do outro lado, mainha.

A comida tem essa capacidade de juntar, de unir, de representar, de tocar até mesmo um alienígena de outro planeta. É o mesmo que um cuidado, um afago na alma, isso eu sabia desde menina. Mas o porquê de mainha se negar esse afago entendi só depois de feita, de formada, professora na universidade que bem lembrava a nave-espaço-nave, lutando contra um golpe, um regime opressor mais alienígena do que o extraterrestre de minha infância. Embora o gosto da revolta fosse um velho conhecido meu, ali, finalmente compreendi o sentimento que levou mainha a definhar. Quando ela se negou a comer e começou a secar por fora, já tinha vivido tanta violência que já estava murcha por dentro.

Então, fiz as pazes com o alienígena e seu banquete. Hoje, tenho filhas que me chamam de mainha, para quem contei a história e ensinei as receitas daquela noite, receitas de todo canto do País que acabaram convergindo na construção dessa cidade, feito o alienígena de minha infância. Minhas filhas recontam e ensinam as receitas para suas próprias filhas, minhas netas, tudo

já nascida dessa terra de Brasília. De mainha, guardo a lembrança, já não tão dolorida, e o capacete intergaláctico com o qual o alienígena lhe presenteou antes de partir para seu planeta.



LUÍSA MONTENEGRO

Luísa Montenegro é autora de *A Menina Estrela d'Alva*, primeiro lugar no 5º Prêmio Agostinho de Cultura, e de contos nas revistas *Trasgo* e *Escambanática*. Também é doutora (com doutorado e tudo) em Comunicação. Vive em Brasília com quatro gatos e um marido.

Twitter: <https://twitter.com/luisamontenegr>



the alien's feast

WRITTEN BY

Luísa Montenegro

EDITED BY

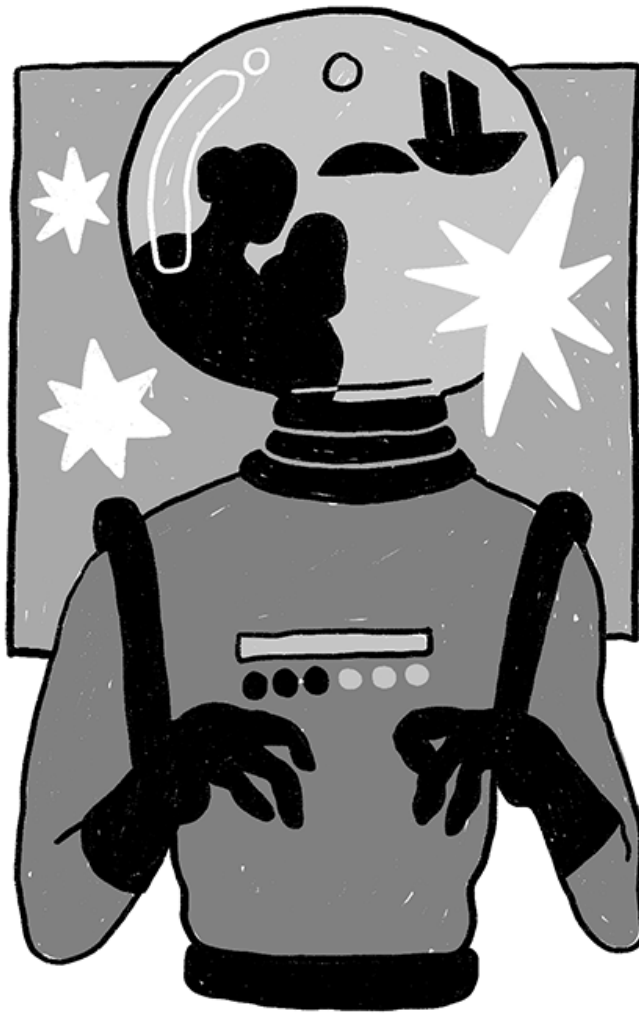
Natalle Moura e Iana A.

TRANSLATED BY

André Colabelli

COPYEDITED BY

Iana A.



The last time I saw mainha^[1] eat was when the alien showed up at Cidade Livre. I was still a little girl, barely a meter and forty-five from the ground. The alien was just a bit taller than me, their skin green, and three crystalline eyes on its oblong head, like a space mantis.

At the height of my nine years of age, I had seen just about everything while crossing the country on the back of a truck, under sun and rain,

mainha's belly swollen with a child, who'd be left as a toll paid to the dirty roads of the hinterlands. I had seen a city rise where before there was nothing but weeds and red soil, built on the back of simple folk — common folk like you and I, but folk who might as well be magic. I'd had life and death, thirst and hunger, joy and sorrow, all in the long repertoire of my short existence. Because of that, when I saw the new arrival, their translucent fish tank helmet matching the curved lines of Brasília, I immediately understood they were an alien. But out there, in this city built out of blood and concrete, who wasn't?

Maybe that was why folks didn't find it strange, either. It was mainha who saw them first, out there by the Novacap. She used to sell fritters that she prepared in the back of our shack in the occupation, the tray firm against her shrinking hips — back then she already ate very little, like a sparrow. She said she'd seen a line across the sky, and she thought it was a balloon or a falling star. And did you make a wish, mainha?, I asked only once, when folks came around wanting to know about the story. Mainha only looked at me out of the corner of her eyes, the deep eyes of someone who'd lived so much more life than her twenty-something years of age — she wasn't sure how many exactly — and I knew she hadn't. And I fell silent.

Hey, maybe it's some foreign engineer, right? Dona Maria from the grocer's talked over me, and the people started debating the idea, because the foreign engineers were all weird, crossing the cerrado in their big fancy silver cars, shouting out orders from atop construction machinery, speaking in tangled words as if they'd chugged a liter of booze, their wives always these tall skinny blonde ladies, their long fingernails crimson red, but from ink and not from soil like the women from these parts. It really was something from another world.

But mainha insisted it wasn't, that she'd seen the ship-space-ship (that was how folks called it), that foreigners under the highland sun would change to a bunch of colors, red, pink, orange, but where have you seen a green foreigner? And with three eyes, on top of that! And didn't Aunt Neiva insist that the aliens had landed on Earth to civilize humanity? Maybe this one had come to see the new city, the buildings; it all looked so spacey already. They came to meet the inhabitants, visit the people. Oxe, then it's a distinguished guest, everybody agreed — these folk who, despite carrying the city's construction on their backs, had only seen the president a few times, from far away.

I felt privileged, even more because it was mainha who had found the alien, who was standing very straight by the bunk bed where Ramiro plus Knife Zé slept, fiddling with a little antenna that came out of their fish tank helmet. Hey Mister Alien, we don't get a lot of radio stations we can tune to 'round here, I felt like saying, but I feel that even if they had ears they wouldn't have heard me, because it was all full of people there, all saying, welcome to our planet Earth, the most beautiful planet in the world!, and mister have you ever seen a city more modern than ours?, and folks would stretch their hands, tip their hats, slap the alien's back. Our eyes met in the middle of that havoc — we were about the same height, the alien and I — and I realized they were just as curious about the rest of us.

Later, when I was a grown woman and mainha was but the physical pain of her remembrance, the memory of the alien's feast would return to me in the loneliest nights, in the endless hours working the supermarket till, in the light-years shaking inside a bus on my way to the public college, in the heart of that airplane-shaped futuristic city, alienated from the rest of the country in the middle of the cerrado, alien. The most likely place on Earth for close encounters of any kind.

No one knew what to feed to the alien, would you like some coffee? some saint food? some party food? so the folks brought all kinds of different food, offering a bit of their histories. Almost all of us were from the Northern and Northeastern parts of Brazil. There were people who'd come from the forest, from the beach and even from the middle of the way between the forest and the agreste, the sertão in the caatinga, and people like mainha and myself who'd come down trying to escape the droughts. Each State in the Northwest was in the lines of each one of our faces, in the way our hands were calloused. There were also some people who already lived in Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, whose cooking was better adapted to the cerrado, a place that is not the Amazon forest, the dry caatinga or the wetlands of pantanal, but that actually is, just a bit.

People brought tables, chairs, stools, wooden boxes, and put them all in the sports court where the foremen and the construction workers faced off in soccer. Anyone who couldn't bring some food would bring a guitar, a singing voice, some booze, and when the news got out, the whole Cidade Livre came around to meet the alien, sitting at the head of the improvised communal table; mainha was by the alien's side, all giddy, she even smiled — she looked like a different person. Duck with tucupi, rice with souari nuts, goat buchada, chicken and okra, the people presented their foods, speaking loudly and slowly to see if the alien understood, and my mate, don't you want some cana to help the food go down? And the alien would pick up the mocotó jelly cup in which it was served with their elongated pincers, open their tiny mouth and stir the translucent liquid with their long intergalactic insectile tongue, their helmet long forgotten, being passed around by playing children. If the food was too spicy — Rita was famous for her spicy hot food, being a child of Iansã and a Pará native, she later opened a restaurant even politicians visited — or if the liquor was too

heavy, the alien's three eyes would tear up and the folks would laugh, slap their back and offer cassava flour or milk to bring down the heat.

After some time, the alien stood up from their box, kinda woozy, kinda laughing with their tiny mouth, a blueish gel leaking off the top of their stretched-out head, seeming drunk and full, like everyone else at the feast. Then they made a speech snapping their long tongue. At least, the people called it a speech, because no one quite understood anything — but that was no big deal, because around those parts we were well used to hearing authorities deliver speeches that meant nothing, might as well be in another tongue. The alien fiddled with some buttons on the chest of their multi-colored uniform and a little hatch opened up, like it was a dried tree trunk, and from the hatch a tiny silver pipe sprung out, and before the people could run for cover—that was all we needed, the alien being a jagunço working for a farmer, or worse, Novacap police—the pipe spat out a bunch of glittery bubbles.

The people clapped, children started jumping up, trying to pick up the bubbles that landed on our empty plates and bursted, creating a greenish jello. Is this alien food, is it?, people were frowning. Like hell I'll eat this, it barely looks like food, they jeered, but mainha raised her voice, didn't your mothers teach you any manners?, We have to give it a try at least, it'd be a slight if we didn't. She lifted the spoon to her mouth. Everyone held their breath, staring at mainha, who picked at it like a little bird, as she used to, and smiled, confident. She was so brave, my mainha. So brave she enticed everyone to taste the grub, offering half-hearted smiles to the alien, hmm, tasty, so good, exotic, isn't it?, taking another sip of cachaça to help it down, leaving the rest for the skinny dogs of the occupation, returning to the food of our own world, our own people.

Mainha smiled all night long and ate the delicacies the people offered the alien, pecking at one dish and then another, like the sparrow she was becoming, that less than a year from then would fly up to meet Our Lady, to whom she was so devout. What she spared in her portions she lavished in smiles. She complimented the cooking, the spices, being a renowned cook herself, admired even back then during the hard times of the Novacap fritters. A queen, a diplomat, a representative of Earth to otherworldly envoys. She was so brave she challenged hunger, challenged poverty. Since when do poor folks not want to eat?, people would mumble when she was already very ill, bedridden, because they believed if you're poor you gotta eat, and eat whatever you can get your hands on.

When mainha left me, it took me quite some time to accept it. I blamed the agreste, the trucks, the decampment of Cidade Livre, the “Capital of Hope” that had left her so disillusioned. I even blamed the poor alien, that in that night tasted all kinds of dishes, shared their food from another planet — that tasted like nothing in our mouths, but maybe they liked it, after all, nothing quite compares with the food from our own land — and even danced and made a singing sound by rubbing the pincers they had in place of hands. Because as soon as the alien came back to their home planet, mainha started to wilt, and that made the memory of the feast like this, so bittersweet.

On the one hand, the smoking foods, the smell of spices mingling, the voices merging into laughter, that have no dialect and no accent.

On the other hand, mainha.

Food has this capacity to gather, to unite, to represent, to touch even an alien from another planet. It's care, it's like a caress in the soul, that I knew since I was a little girl. But the reason mainha denied herself this caress I only understood after I graduated, as a professor in the university that quite

reminded me of the ship-space-ship, fighting a coup, an oppressive regime more alien than the alien from my childhood. Even though the taste of uprising was well known to me, that was when I finally understood the feeling that led mainha to languish. When she refused to eat and started to wilt on the outside, she had lived through so much violence she already was withered on the inside.

So I made my peace with the alien and their feast. Today, I have daughters that call me mainha, to whom I told this story and taught the recipes from that night, recipes from all around the country that converged when this city was built, like the alien in my childhood. My daughters retell and teach these recipes to their own daughters, my granddaughters, all of them already born in this land, Brasília. Of mainha, I hold her memory, that doesn't hurt so much anymore, and the intergalactic helmet the alien gifted her before returning to their home planet.

[1] Endearing term for “mother”, typically used in the northeastern region of Brazil.



LUÍSA MONTENEGRO

Luísa Montenegro is the author of *A Menina Estrela d'Alva*, of short stories in *Trasgo* and *Escambanáutica* magazines, and ranked first place in the 5th Agostinho's Culture Award. She is also a doctor (with a Ph.D. and all) in Communication. She lives in Brasília with four cats and a husband.

Twitter: <https://twitter.com/luisamontenegr>



ventre **livre**

ESCRITO POR

Wilson Júnior

EDITADO POR

Vanessa Guedes

PREPARADO POR

Júlia Serrano



A visão da Casa Grande quase foi demais. Dora levou a mão ao peito, temendo que aquela fosse a dor derradeira. Não foi. Seu coração, apesar de envelhecido, era forte. Como muitos diziam, tinha uma pedra no lugar do coração. Mas a pedra batia a lembrança dos dedos do filho se agarrando ao seu corpo.

Parou no primeiro degrau do alpendre. No topo da escada estava a Sinhá Menina. Dora reconheceu-a pelos olhos. Eram astutos na infância; maliciosos agora, olhos de mulher formada. Os deles eram tristes, rancorosos até.

— Sinhá Menina, lembra de mim? Sou Doralice. Trabalhei na sua casa quando jovem. Você ainda era uma pequenina.

A mulher não se deu nem ao trabalho de disfarçar o nojo.

— Não me chame disso, sou a senhora desta casa. Não lembro, não. Vai saindo que as pretas da casa estão ocupadas com as coisas da festa de Natal, não têm tempo pra jogar conversa fora.

O converseiro juntou gente. Na multidão, Dora só reconheceu um rosto entre os vivos. Francisco era o braço direito do Barão Justa, mas, pelas roupas que vestia agora, voltou ao lugar dos outros pretos, de cabeça baixa e ombros caídos.

A mulher já dava as costas. Dora insistiu.

— Perdão pela invasão, Senhora. Vosso pai me disse, no dia em que parti dessa casa, que ela estaria sempre aberta para mim, caso quisesse voltar. Busco trabalho e imaginei que, nesse dia de véspera de Natal, sua casa precisaria de toda mão para ajudar. — Era uma meia verdade. As palavras do Barão foram ditas como zombaria, mas foram ditas, e isso era o que importava para essa gente.

A malícia desapareceu dos olhos da Sinhá, dando lugar à raiva. Dora via a mulher tentando manter a compostura, mas a menção de uma promessa do pai claramente incomodava.

— Tem um documento escrito? Algum papel que prove isso?

— Tenho não, Senhora Lucélia. Francisco e outros estavam ao lado de seu pai quando ele disse as palavras. — Dora apontou o homem, que agora saía do meio da multidão.

A senhora olhou para ele. Dora sabia que esperava uma negativa, mas o homem abriu um sorriso e falou.

— Disse, sim. Seja bem-vinda de volta, Dora.

A raiva de Sinhá Lucélia, antes destinada a Doralice, agora se voltava para Francisco, que se encolheu. Dora desconhecia o que aconteceu naquele lugar nos últimos anos, mas não havia amor entre aqueles dois. O agradeceu em silêncio por ter algum aliado, mesmo que entre os inimigos do passado.

— Olhe, senhora, não quero incomodar em dia de festa, se buscar na memória vai lembrar que sou uma doceira de mão cheia. Meus bolos eram famosos por aqui.

Aquelas palavras colocaram um sorriso na boca da mulher. Talvez seu paladar tivesse uma memória melhor do que os olhos.

— Dorinha, como pude me esquecer de você? Venha, suba. Desculpe as minhas maneiras, a casa está um caos. Vá direto para a cozinha, por favor, as meninas vão lhe apresentar as novidades, mas você deve lembrar tudo de cor.

Dora teria se chocado com a mudança drástica, não fosse a memória de suas reações quando criança. Fazia mal para bicho, planta e gente, sem distinção, e chorava como vítima se alguém a acusasse. Lágrimas brancas, os escravizados diziam.

Entrou na Casa Grande pela porta da frente. Talvez fosse pressa de Lucélia, ou algo pudesse ter mudado no lugar, pouco importava. Ao dar o primeiro passo na sala, viu um fantasma. Barão Justa estava na cadeira de balanço, olhava para um canto vazio da sala. Agradeceu aos deuses por Sinhá Lucélia ter lhe deixado para trás, porque, diante da visão daquele homem, não pôde conter as lágrimas. Andou até aquela pálida e esquelética versão do sujeito.

— Não achei nosso filho. Então, voltei.

Não recebeu resposta, além de uma baba escorrendo pelo canto da boca mole. Esse fantasma era de carne e osso, diferente dos outros que vagavam por aquele lugar. Dora observou as sombras, marcadas e feridas, colocando peso na alma do velho, devolvendo na morte o recebido em vida. Entregavam para ela apenas olhares gratos. Eles sabiam.

A casa, de fato, estava em polvorosa, sendo decorada. A cozinha parecia um campo de batalha, moças jovens preparando os mais diversos pratos. Entre elas, uma única velha. Bastiana mancou até Dora e lhe deu um abraço apertado.

— Finalmente, uma cozinheira de verdade. Você não sabe o que tenho de passar com essas cabeças de vento.

As moças soltaram risadas, jogavam farinha umas nas outras. A brincadeira foi interrompida no instante em que Sinhá Lucélia entrou. Explicou, mais uma vez, a importância do jantar e dos convidados. E que, da próxima vez que entrasse e visse bagunça, todas iriam para o tronco e depois pros cafezais.

— Bastiana, providencie que Dora receba tudo que precisa. Eu quero um bolo, um daqueles que ela fazia em dia de festa aqui em casa. — Virou-se para Dora. — Espero que não tenha perdido a mão, pois vou anunciar essa sobremesa aos meus convidados com a pompa que meu pai fazia no passado.

Apesar do sorriso, Dora reconhecia a ameaça, um conhecimento adquirido apenas por aqueles privados de liberdade.

— Perdi não, senhora. Estou melhor do que nunca.

E não mentiu. Trabalhou muito durante suas viagens, com todo tipo de coisa, muita que não se orgulhava. Procurou por seu menino por toda a província e em todas ao redor. Usou todos os recursos e forças. E nada. Como se o filho nunca tivesse existido.

Estava feliz, mesmo assim. Agora, de volta àquela casa, podia fazer uma das poucas coisas que amou na vida além de ser mãe: cozinhar.

Francisco entrou na cozinha. Em seu rosto, voltava o olhar de suspeita que vestiu durante boa parte da vida de capataz.

— Voltou só para cozinhar, Dora?

— Voltei porque precisava. Mas não tenho querela com você.

Francisco cobriu o rosto. Foram suas mãos que arrancaram a criança de seu colo, mas a ordem veio de outra boca. Se ele não obedecesse, iria para o tronco como qualquer outro preto, e mais um viria para levar seu filho.

— Deixa a mulher trabalhar, Francisco. Ela vai fazer o que ela quiser fazer — disse Bastiana.

Faria o melhor bolo de sua vida. Faria por seu pequeno, que não teve a chance de ouvir as histórias de sua mãe e de seu povo. Faria por eles, que enchiam as portas e janelas. Observavam o trabalho da confeitadeira e sussurravam “faz por mim”, “faz pela mainha”, “faça por você, irmã”, apenas para os ouvidos de Doralice. Cinco gerações de cozinheiras guiando suas mãos. Entregando-lhe as medidas, as mexidas, as pitadas. Dora entregava seu corpo à vontade delas. E a vontade virava movimento, que virava a massa. A única entrega ausente de desconforto. O mundo desapareceu ao seu redor. Só restaram elas e Dora. Enquanto mediam cada ingrediente, ouvia gemidos, enquanto contavam o número de movimentos na massa, ouvia as súplicas, enquanto moldavam as pequenas flores e preparavam os recheios, ouvia chicotes estalando. Eram ecos do passado.

Trabalhou como uma escultora em uma obra-mestra. Dedicaria os anos de vida que lhe restavam, se pudesse, à feitura do bolo. Todos os vivos a observavam. Havia uma admiração, quase uma reverência, em seus olhos.

No fim, sentou-se em um canto da cozinha e descansou diante de sua obra. Lá, permaneceu admirando-a. Não ouviu quando a Sinhá entrou para

elogiar o trabalho. Ou quando, aos poucos, a cozinha era esvaziada dos pratos do jantar. Não ouviu a música ou as risadas, não ouviu quando Sinhá Lucélia anunciou o bolo como algo que não poderia ser encontrado nem nas melhores *pâtisseries* de Paris. Estava no mundo deles agora, dos que acompanharam suas dores, que a tiraram de perigos, que se fizeram presentes quando mais ninguém estava lá. Ali, na ampla cozinha, eles cobriam cada pedaço de chão e estavam sorrindo. Estaria seu filho entre eles?

Doralice só voltou a perceber o mundo quando os primeiros engasgos vieram da sala de jantar. Era um barulho surdo, perdido entre piadas e comentários espirituosos.

Quando os gritos começaram, já era tarde demais. Os pretos correram para acudir os moribundos. Depois, para fugir. Só neste momento, Dora se permitiu um sorriso. Limpou a farinha das mãos, cumprimentou Bastiana e Francisco e, sem pressa, deixou a Casa Grande pela porta dos fundos. Os fantasmas não a seguiram.



WILSON JÚNIOR

Wilson é formado em História e tem uma Pós em Escrita Literária. É fundador do coletivo literário Escambau e editor da Revista Escambanáutica. Mora em Fortaleza-CE. Dividido entre escrever, dar aulas de escrita, ser Coordenador de Mídias e os projetos do coletivo. Sobra pouco tempo para viver.



free womb

WRITTEN BY

Wilson Júnior

EDITED BY

Vanessa Guedes

TRANSLATED BY

Marina Ferreira

COPYEDITED BY

Luiza Cantoni



The sight of the Big House was almost too much. Dora took her hand to her chest, fearing this pain would be her final. It wasn't. Her heart, albeit older now, was strong. Many people would say she had a stone in its place. But the stone pumped the memory of her son's fingers clutching to her body.

She paused at the first step of the porch. At the top of the stairs was Sinhá Girl. Dora recognized her by her eyes. They were cunning in her infancy, malicious now, the eyes of a grown woman. They were sad, resentful even.

“Sinhá Girl, do you remember me? I’m Doralice. I worked in your home as a young woman, you were a little one.”

The woman didn’t even go through the trouble of masking her disdain.

“Do not call me that, I’m the matron of this home. No, I don’t remember. Make your way out, the blacks are busy with the Christmas festivities preparations. They don’t have time to waste on small talk.”

The conversation gathered folks around them. In the crowd, Dora only recognized one face among the living. Francisco was the right hand of Baron Justa but, by the clothes he wore now, he had returned to the blacks’ place, head down and slouched shoulders.

The woman was already turning her back. Dora persisted.

“My apologies for the intrusion, ma’am. Your father told me, the day I left this house, that it would always have its doors open for me, whenever I wanted to come back. I seek work and I figured, on Christmas eve, your home would need all the help it could get.” – It was a half-truth. The words of the Baron were spoken as mockery at the time, but were said nonetheless, and now this is what mattered to these people.

All maliciousness left Sinhá’s eyes, giving space to her anger. Dora saw the woman attempt to maintain her composure, but the mention of her father’s promise clearly bothered her.

“Do you have it in writing? Any documents that prove this?”

“I don’t, Ms. Lucélia. Francisco and some others were standing by your father when he spoke of it.” Dora pointed to the man, who now cut through the crowd.

The woman looked at him. Dora knew to expect a negative answer, but the man gave her a wide smile and said:

“He did, yes. Welcome back, Dora.”

The fury in Sinhá Lucélia, earlier aimed at Doralice, now turned to Francisco, who made himself smaller. Dora didn't know what had happened in this place over the last few years, but she knew there was no love between the two of them. She silently thanked him for being her sole ally, even though he was among her enemies in the past.

“Listen, ma'am, I don't mean to bother on a festivity day. If you search through your memories you will recall I'm a great baker. My cakes were famous around here.”

The words put a smile on the woman's mouth. Perhaps her palate had better memory than her eyes.

“Little Dora, how could I have forgotten you? Come on up. I apologize for my manners and the house is pure chaos. Go straight to the kitchen, please, the girls will show you around everything, but I'm sure you know the place by heart.”

Dora would've been shocked at her drastic turn, if it wasn't for the memories of her antics as a child. She was mean to animals, plants, and people, no distinction, and yet cried as the victim if anyone dared to accuse her of anything. White tears, the slaves would say.

She entered the Big House through the front door. Maybe it was Lucélia's hurry, or something had shifted in the place, but little did it matter. At the first step into the living room, she saw a ghost. Baron [Justa] was sitting on the rocking chair, looking at an empty corner of the room. She thanked the gods for Ms. Lucélia having left her behind, because facing the sight of the man, she could not hold back her tears. She walked towards the pale and skeletal vision of fellow.

“I couldn’t find our son. So I came back.”

She didn’t receive an answer beyond a sliver of drool falling down the side of his slack mouth. This ghost was made of muscle and bones, different from the others that loitered this place. Dora saw the shadows, marks, and wounds, adding weight to the old man’s soul, returning in death what he took in life. They gave her only grateful looks. They knew.

The house, in fact, was in uproar, being decorated. The kitchen looked like a battle ground, with young women preparing a variety of dishes. Among them, only one old woman. Bastiana limped towards Dora and gave her a tight hug.

“Finally, a real cook. You have no idea what I have to go through with these air-heads.”

The young women laughed and played tossing flour at one another. The play was interrupted in an instant as Sinhá Lucélia entered. She explained, once more, the importance of tonight’s dinner and its guests. And, next time she entered the kitchen to see another mess, they’d all be sent to the pillory and then to the plantations.

“Bastiana, make sure Dora has everything she needs. I want a nice cake, like the ones she used to make for the parties at home.” She turned to Dora: “I hope you haven’t lost your touch, because I’ll be announcing this dessert to my guests with the same pomp my dad had in the past.”

Although she smiled, Dora recognized the threat, a kind of wisdom acquired only by those deprived of their liberties.

“Not at all, ma’am. I’m better than ever”

And she did not lie. She worked throughout her travels, doing all sorts of things, many of which she wasn’t proud of. She searched for her boy all over the province, and all over the ones surrounding it. She used all her re-

sources and strength. But nothing. It was as if her son had never even existed.

She was happy, nonetheless. Now, back at the old house, she was able to do one of the few things she ever loved in her life besides being a mother: baking.

Francisco entered the kitchen. On his face, the suspicion he wore throughout most of his foreman life returned.

“You came back just to cook, Dora?”

“I came back because I needed to. But I’m not arguing with you.”

Francisco covered his face. The same hands that ripped out the child from her lap, even though the orders came from someone else’s mouth. Had he not obeyed, he would’ve ended up on the pillory like any other black man and another one would have come to take her son.

“Let the woman work, Francisco. She will do what she wants to do” said Bastiana.

She would make the best cake of her entire life. She would do it for her little one, who never had a chance to listen to the story of his mother and her people. She would make it for them, for the ones who filled the entryways and windowsills. They observed the baker’s work and whispered, “make it for me,” “make it for my mommy,” “make it for you, sister,” whispering only to Doralice’s ears. Five generations of bakers guiding her hands. Guiding every measurement, every whisking, every pinch. Dora gave her body to their will. Their will became her movements and then it became dough. The only delivery without pain. The whole world disappeared around her. It was just them and Dora. And as they measured every ingredient, she heard their groans, and as she counted every folding of the dough, she heard their supplication, and as she molded the tiny flowers and

prepped the fillings, she heard the crack of the whip. They were echoes from the past.

She worked as a sculptor on her masterpiece. She'd dedicate the remaining years of her life, if she could, to baking this cake. All the living watched her. There was admiration, almost reverence, in their eyes.

At the end, she sat in a corner of the kitchen and rested facing her work of art. And there she stayed, admiring it. She didn't hear it when Sinhá entered to praise her work. Or even when, little by little, the kitchen was emptied of all the dishes for dinner. She didn't hear the music or the laughter, she didn't hear it when Sinhá Lucélia announced the cake as something one could never find even in the best patisseries of Paris. She was now in their world, the world of the ones who accompanied her pain, who kept her from danger, who made themselves present when there was no one else around. There, in the ample kitchen, they covered every corner of the floor and smiled. Was her son among them?

Doralice only noticed her surroundings when the first chokes came from the dining room. It was a muffled sound, lost among jokes and drunken remarks.

By the time the screams began, it was already too late. The black folk ran to aid the dying. And then, they ran away. And only then, Dora allowed herself a smile. She wiped the flour off of her hands, saluted Bastiana and Francisco, and without a hurry, walked out of the Big House through the back door. The ghosts did not follow her.



WILSON JÚNIOR

Wilson Júnior has an undergraduate degree in History and a graduate degree in Creative Writing. Founder of Escambau writing group, and editor at Escambanáutica magazine. He lives in Fortaleza, Brazil. Splitting his routine into writing, teaching writing, being a Media Coordinator and working on Escambau projects, there is little time left to live.





defunto

ESCRITO POR

Thomaz Lopes

EDITADO POR

Lucas Ferraz

PREPARADO POR

Luiza Cantoni



Quando ele despertou, deitado ao comprido num estreito caixão negro e dourado, tinha as mãos postas numa derradeira prece. Lançou vagamente os olhos em torno, e em torno tudo era silêncio e treva. Procurou levar as mãos aos olhos, mas sentiu as mãos presas, sem movimento; e pareceu-lhe então que estava morto.

Como é pesado o ar que respira! Como é profunda a escuridão que o encerra! E onde está? Em seu quarto? Em seu leito? Que estranha cama, estreita e dura! E por que dorme calçado? E que vestes tão solenes! Terá vindo ébrio de alguma festa? E as mãos amarradas! E que falta de ar! Ah! que dolorosa e lenta agonia.

De novo distendeu os braços; mas a fita que os unia partiu-se e as mãos geladas bateram de encontro às tábuas. Passou os frios dedos pelo rosto e retirou-os espantado, sentindo a face morta como a de um cadáver. Veio-lhe à memória uma vaga lembrança de moléstia e de perda de sentidos.

E sentiu sobre si uma tampa, uma tampa de caixão, de caixão de defunto!

Um medo contínuo de si próprio, um indefinível asco do "cadáver" que sente a seu lado, assoberba-o. Rebenta o caixão, levanta-se, quer correr, mas bate de encontro a uma parede, uma fria e cinzenta parede de mármore. Rápida e rija vem-lhe a certeza de estar enterrado vivo, prisioneiro da morte, atirado num calabouço. No silêncio e na treva, entre a loucura e a morte, dá dois passos, mas tropeça. Que será?

E como seus pés tateassem na sombra, encontraram um degrau que subiram; depois outro, mais outros, outros ainda. Oh! que sepultura profunda! Erguendo as mãos para o céu que está tão longe dos abismos, sentiu nas mãos a fria laje do teto.

Em vão tenta erguê-la. Respira a longos haustos por uma fresta aberta na pedra. Um novo esforço para erguê-la: em vão! — Uma sepultura de mármore, como que para guardar o corpo aos vermes e ao pó; uma fresta por onde apenas entra o ar que prolonga a vida ao condenado; uma escada que os passos sobem e inutilmente descem; uma laje que se levanta para enterrar os mortos e que não se ergue para salvar os vivos; — oh! essa sepultura é com certeza uma sepultura de igreja.

E novamente luta para erguer a pedra, mas com o esforço inútil, vem o cansaço, vem o abatimento, vem o desânimo. Então, como o inconsciente ou o muito atilado, que vendo abertos os braços lívidos da Morte, em vez de fugir, aos braços se atira, ele resignadamente desce. Ao descer, alucinado e cego, bate com o corpo no mármore da parede e grita. A sua voz sobe e desce, abafada como o eco de um trovão distante encerrado numa gruta profunda. Agora, sereno e calmo, como quem leva um sol apagado no coração e uma estrela sem luz em cada olhar, sobe de novo os degraus da Vida e da Morte. Nos primeiros momentos, com a calma e serenidade com que subira, junto ao intento à sua força, mas a pedra permanece impassível. A angústia do sofrimento prolongado destrói-lhe o sossego da ação; com um doloroso esforço, ingurgitadas as veias, os músculos retesados na onipotência da sua própria força, os olhos saltando das órbitas, procura num ansiado desespero levantar a pedra que talvez para sempre o encerra. Trabalho inútil! Parece que o pranto preso na garganta vai sufocá-lo — e sente uma a uma ensangüentarem-se, dilacerarem-se, largarem-lhe da carne as unhas. Impossível!

Exausto de fadiga e dor, deixa-se abater, e o seu corpo doente, rolando de degrau em degrau como um fardo sinistro, vai parar ao pé da parede cinzenta e fria...

Veio o sono. Veio seguindo a nébula do sono a doida fantasia do sonho.

Era vago e tênue. Mas porque tão vago fosse e tão tênue, quase sem torturas, o Espírito-Zombeteiro dos Sonhos fê-lo aclarar-se, — assim como uma cidade que despe aos primeiros raios de sol a túnica de névoas em manhãs de frio.

Vai-se largamente o sonho dilatando, mas sempre duvidoso e cinzento.

Era uma noite profunda, iluminada de estrelas. O céu, muito alto, era como um imenso veludo macio. E o céu alto e a noite profunda cobriam e

envolviam uma cidade estranha, mas que lhe não era de todo desconhecida. Havia velhos lugares que amava e, pelos sítios conhecidos, — nem viv'alma! Apenas sombras. Caminhava e, quando era grande a fadiga e o repouso que lhe abria os braços amigos, outros braços mais fortes o impeliam e uma sinistra voz bradava: — Marcha! Marcha! — As pernas pesavam, se entorpeciam; desejos protetores de descanso inundavam-lhe o lasso corpo. À medida que atravessava caminhos, os caminhos mudavam: eram jardins floridos e perfumados, prados extensos, longas campinas, casarios que fugiam na sombra; outras vezes, charnecas adustas e ressequidas, betesgas exalando podridão. Passou por cemitérios e à sua passagem os defuntos erguiam-se, cobertos de pó e de segredo, acompanhando-o fantasticamente por dilatados e dolorosos momentos. As árvores tomavam assombradoras formas de avejões e, as estrelas, apagando-se no céu, deixavam o céu cinzento e frio como o mármore da sua sepultura tão fria e tão cinzenta. E, entretanto, no silêncio, na noite e na treva - o defunto caminhava.

De súbito, como aos olhos tontos e averiguadores do naufrago, aparece a orla branca de uma praia distante, no seu espírito cansado nasceu uma idéia feliz: aquela noite de loucura e de assombramento marcava o aniversário de sua Noiva e por data essa, tão formosa, haveria uma formosa festa. Devia ser tarde, ansiavam por ele. Com uma força nova, um grande desejo de ver, de ouvir, de sentir, de querer, de palpitar, de amar e de viver banhoulhe a alma numa cariciosa sensação de vida. Apressou o passo, correu. Mas, voltando-se para trás, julgou ver na sombra uma sombra que resvalava. Levantaram-se-lhe os cabelos, um calafrio de medo correu-lhe o corpo de alto a baixo - e partiu, assombrado, numa carreira mal segura de perseguido. Batendo com os pés no solo, todo o solo ressoava ao contato, como se os pés fossem de aço. Depois, com surpresa, sentiu-se leve; houve um suspiro de prazer e de alívio e, flutuando no espaço, começou a voar. Subiu; rompeu a

camada cinzenta do céu e o céu tornou-se inteiramente negro. Como subisse mais alto, seus olhos extasiaram-se diante do azul, um azul tão límpido e transparente como até hoje olhos humanos não sonharam. No alto, imensamente longe, brilhavam as estrelas no glorioso esplendor de uma imortal claridade. Muito embaixo, perto da Terra, desaparecia a Lua amorável dos poetas. Os seus olhos humanos quase cegaram fitando Sírius. Entre as estrelas abriu-se o céu e aqueles mesmos deslumbrados olhos viram sobre os sóis o suave Jesus dos Humildes. Perto de Cristo apareceram duas sombras que se foram corporificando e nas quais o Defunto se reconheceu, a si e a sua Noiva! Ela! Mas como, se "ele" ali estava oculto contemplando a felicidade do outro "ele"! Jesus sorriu. Jesus os abençoou. E eles voaram. Ah! se ele pudesse também seguir-lhes o voo!... Quando quis voar, as asas se lhe desfizeram e ele caiu, rolou, precipitou-se, tocou a terra — e partiu novamente, correndo pelas estradas solitárias e ermas. Voltando o rosto viu outra vez, na treva, o mesmo vulto que o acompanhara; dominado pelo medo, correu mais, até que, numa curva do caminho, espessa sebe lhe tomou o passo. Retrocedeu, passou, assombrado, pelo vulto, que lhe estendeu os braços, e na mesma carreira fantástica, atravessou planícies, estepes nuas, estradas mortas, frias e cinzentas. Lamentou a perda de suas asas felizes e lembrou-se da sombra que não o deixava. Mas, se ele estava morto, por que o perseguiam? Cada vez mais o vulto avançava e era tão longe a casa de sua Noiva! O vulto já ia tocá-lo... Mas ele era cadáver e, na sua qualidade de morto, devia amedrontar os vivos... Voltou-se, mas quem quer que era riu-lhe diante da medrosa face. Mais intenso foi então o pavor de si mesmo e da sombra que devia ser a sua alma... E ela vinha resvalando na sombra, acompanhando-o... Estava perdido! Já não tinha mais forças! Coragem! Uma luz brilhou ao longe; oh! que deliciosa alegria! Era a casa de sua Noiva! Mais um passo! Avante! O alguém seguia-o, quase alcançando-o; mas estava sal-

vo! Era a casa dela, era o som da orquestra, era a luz intensa, era a salvação! Um pouco de ânimo — coragem! E antes de bater com o corpo nas lajes cinzentas e frias da sepultura, pareceu que o vulto perseguidor lhe abriu os braços. E também pareceu que eram os braços regelados da Morte...

Um raio de sol, fino e tênue, atravessava a fresta aberta na pedra.

*

Despertou suado, ardendo em febre. Pelo seu rosto lívido andava, molemente, uma larva. Quis gritar, mas só lhe saiu da boca um grunhido surdo que o apavorou. Abriu os braços para certificar-se da vida e, na treva, os braços bateram contra a parede.

Pensou, então, no seu sonho — e tristemente verificou que era, em verdade por aqueles dias, o aniversário de sua Noiva. Que data era a de sua morte? Quem sabe se não era mesmo aquele o dia festivo! Todo o passado irrompeu, tumultuando, da sombra e ele reviu as longas horas de contemplação ou de melancolia em que todo o seu ser era um crente adorando a um ídolo. E outra vez, de repente, voltou a encarar a sua situação de morto.

Longas horas passaram; desaparecera o raio de sol; e um sino tangia ao longe, fúnebre e evocativo, os dobres que deviam ser os da Ave-Maria. O som do triste bronze, chegando a seus ouvidos, falava na vida e na liberdade. A liberdade! A delícia infinita! Ah! como era doloroso morrer assim, solitário, consciente, indefeso, abandonado, sem o prazer da luta, sem o esforço da salvação! E por que o enterraram vivo? Mil vezes amaldiçoou a estupidez criminosa que o atirara à morte! Os soluços e as lágrimas rebentaram e sofrendo sem termo e, chorando sem esperança, adormeceu sem sentidos, esperando pela Morte...

*

Ao despertar na manhã do outro dia, viu a fita do sol — único que lhe levava à cova a carícia de uma visita.

Admirando-se de ainda estar enterrado, quis levantar-se e sentiu que desmaiava. Tinha uma fome devoradora e uma sede que o requeimava. Ah! quarenta e oito longas e intermináveis horas sem comer, sem beber! Sem beber! Sentia o estômago vazio e gelado e a língua, ressequida, estalava. De novo quis levantar-se e de novo ficou. O dia inteiro, longo como um deserto; a noite inteira, vazia como o silêncio, ele passou, ora em profunda sonolência, ora acordado, com a ânsia estranguladora de comer e de beber.

Outra vez o sol que devia ser o dia, outra vez a manhã que devia ser a vida!

O enterrado ouviu a seus pés um guincho fino; os olhos tiveram um rápido brilho de prazer e, estendendo as mãos crispadas, apanhou um rato, vivo e mole. Abrindo os lábios num sorriso que devia ser de imbecilidade, bestializado e faminto, levou o rato à boca, frio, áspero, nojento, estrebuchando e guinchando entre os dentes. Oh! mas a sede! A sede que aquela carne repulsiva aumentara! A fome que ela fizera crescer! — E então, num esforço hercúleo, ergueu-se; olhou a treva um instante com um olhar profundo, calmo, parado. De repente, soltando um uivo de fera enjaulada, rasgou as roupas, dilacerou-as — e, nu, selvagem, rugindo e chorando de desespero, retalhou com os dentes a carne branca dos seus braços. O sangue brotava em ondas rubras que espumavam e ele o sorvia, atirando a cabeça de um lado para o outro, aparando-o para não perder uma gota chupando aquele sangue que corria quente, espesso, vivo, garganta abaixo, descendo para o estômago crispado pela fome.

Um rugido mais rouco, dois saltos contra a parede onde repartiu a cabeça, de onde brotou mais sangue que lhe envolveu o rosto numa máscara vermelha. Enlouquecera.

Outra vez, pela última vez, subiu as escadas. Ajoelhou-se, rilhou os dentes, entrelaçou os dedos sobre as mãos numa prece maldita — e ficou morto, imóvel, rígido e nu, coberto de sangue escarlate, como o mármore cinzento e frio da sua sepultura...



THOMAZ LOPES

Thomaz Lopes nasceu em Fortaleza, no dia 16 de Novembro de 1879, e faleceu em Davos, Suíça, no dia 15 de Julho de 1913. Foi advogado, jornalista, poeta, escritor e diplomata. Patrono da cadeira nº 37 da Academia Cearense de Letras, foi o autor da letra do Hino do Ceará. Publicou 11 obras, incluindo um romance, dois livros de poesia, contos, crônicas e relatos de viagem.



the deceased

WRITTEN BY

Thomaz Lopes

EDITED BY

Lucas Ferraz

TRANSLATED BY

Júlia Serrano

COPYEDITED BY

Vanessa Guedes



When he awoke, lying across a narrow black and gold coffin, he had his hands folded in a final prayer. His eyes glanced around, and all around there was silence and darkness. He tried lifting his hands up to the eyes, but felt them stuck, unmoving; it seemed to him, then, he was dead.

How heavy is the air that he breathes! How deep is the darkness that surrounds him! And where is he? In his room? In his bed? What a strange

bed, so narrow and stiff! And why does he sleep with shoes on? And these garments, so solemn! Did he come home drunk from a party? And the hands tied! And such shortness of breath! Oh! What a painful and slow agony.

Once again he stretched the arms; but the band that held them together tore apart, and the cold hands slammed against the wood. He ran the cold fingers across the face then drew them back in shock, feeling the face dead as a corpse. It came to him a vague memory of disease and loss of senses.

And he felt over him a lid, a coffin lid—the coffin of a deceased!

A lingering fear of self, an indefinable loathing of the “corpse” he feels next to him, overwhelms him. He busts the coffin open, gets up, wants to run but hits a wall, a cold and gray marble wall. Suddenly the certainty of being buried alive hits him, prisoner of death, cast into a dungeon. In silence and in darkness, between madness and death, he takes two steps, but he stumbles. What is it?

And as if his feet felt around in the shadows, they found a step and climbed; then another, others more, and yet others. Oh! Such a deep sepulcher! Raising his hands towards the sky, which is so far from the abyss, he felt the cold slab of the ceiling on the hand.

In vain he tries to lift it. He breathes in long breaths through an open crack in the stone. A new push to lift it: in vain!—a marble tomb, as if to keep the body to worms and dust; a gap through which only the air that prolongs the life of the damned comes in; a stair on which footsteps climb and pointlessly descend; a slab that rises to bury the dead and doesn’t lift up to save the living;—oh! This grave is without a doubt a church tomb.

Yet again he fights to lift the stone, but with the useless effort comes the fatigue, comes the exhaustion, comes the dismay. So, as the unconscious one or the very keen, who upon seeing the open livid arms of Death, instead

of running, throws himself into the arms, he meekly goes down. As he descends, delirious and blind, he slams the body on the marble wall and screams. His voice goes up and down, muffled as the echo of a distant thunder trapped in a deep cave. Now, serene and calm, like one who carries an extinguished sun in his heart and a lightless star in each look, he goes up the stairs of Life and Death again. At first, with the calmness and serenity with which he had ascended, and the intent of his strength, but the stone remained still. The anguish from the lasting sorrow destroys the tranquility of his actions; with a painful effort, the veins engorged, the muscles tensed with the omnipotence of his own strength, the eyes popping out of their sockets, he seeks in anxious desperation to lift the stone that might forever enclose him. Pointless effort! It looks like the cries stuck in his throat will suffocate him—and he feels them, one by one, getting bloodied, ripped apart, he feels his nails being torn from his flesh. Impossible!

Exhausted by fatigue and pain, he lets himself collapse and his sick body, rolling down step by step like a sinister burden, ends up on the base of the cold gray wall...

Sleep came. Following the nebula of sleep, there came the crazy fantasy of dreams.

It was vague and tenuous. But for being so vague and so tenuous, almost without tortures, the Mocking-Spirit of Dreams brought him light—just like a city that undresses the robe of mists in cold mornings at the first rays of the sun.

Wide the dream grows, but always dubious and gray.

It was a deep, starlit night. The sky, high up above, was like immense soft velvet. The high sky and the deep night covered and embraced a strange city, but one that was not quite strange to him. There were old places he loved and, by familiar sites—not a living soul!—only shadows.

He walked and, when fatigue was heavy and rest offered friendly open arms, other arms, stronger, compelled him and a sinister voice shouted: “March on! March on!”—his legs grew heavy, numb; wish—guardians of rest flooded his limp body. As he crossed paths, the paths changed: they were fragrant gardens in bloom, extensive meadows, long grasslands, houses that hid in the shadows; other times, they were dry and parched heath, alleyways oozing rot. He went through cemeteries and, as he walked by, the deceased arose, covered in dust and secrecy, accompanying him fantastically through long and painful moments. The trees took on haunting shapes of ghosts and, the stars, fading out in the sky, turned it cold and gray, like the marble of his sepulcher. Even so, in the silence, in the night and in the darkness, the Deceased walked.

All of a sudden, like the dizzy and inquiring eyes of a castaway, the white shore of a distant beach appears, in his tired spirit a happy thought occurred: that night of madness and haunting marked the birthday of his Fiancée, and to celebrate this date, such a beautiful date, there was going to be a beautiful party. It must be late, they must be waiting for him. With renewed strength, a great wish to see, to hear, to feel, to want, to pulse, to love and to live showered his soul in a sweet sensation of life. He hurried up, ran. But, turning around, he believed having seen a shadow that drifted into the shadows. His hairs stood on end, a shiver ran through his body, from top to bottom—so he left, scared, in a barely safe dash. Stumping his feet on the ground, it rumbled as if his feet were made of steel. Then, surprisingly, he felt lighter; there was a sigh of pleasure and relief and, floating in space, he started flying. Up he went; broke the gray layer of the sky and the sky turned completely black. As if climbing higher and higher his eyes were ecstatic before the blue, a blue so clear and transparent no human eye has ever dreamed of seeing before. High up above, immensely far away,

stars shone in the glorious splendour of an immortal clarity. Far down below, near the Earth, there disappeared the loveable Moon of the poets. His human eyes almost went blind by staring at Sirius. Among the stars there the sky opened, and over the suns those same dazzled eyes saw the gentle Jesus of the Humble. Next to Christ, two shadows appeared, started to materialize, and the Deceased recognized himself, himself and his Fiancée! Her! But how could it be, if “he” was hidden there, contemplating the happiness of the other “he”? Jesus smiled. Jesus blessed them. And they flew away. Oh! If he could do so also and follow them!... When he tried to fly, the wings dissolved and he fell, rolled down, touched the ground—and went on again, running through the lonely and deserted roads. Turning his face he saw once again, in the darkness, the same figure who followed him; overcome by fear, he kept running until, at a bend in the path, a thick hedge stopped him. He turned back, horrified, passed by the figure who held out their arms to him, and in the same fantastical dash, he crossed plains, bare steppes, cold and gray dead roads. He lamented the loss of his happy wings and remembered the shadowy figure who wouldn’t leave him. But, if he was dead, why would they chase him? More and more the figure came closer, and the house of his Fiancée was so far away! The figure would soon touch him... But he was a corpse and, in his deadness, he should scare the living... He turned around, but whomever was there, just laughed at his fearful face. Even more intense then was the dread of himself and of the shadow that must be his soul... And it came slithering in the shadows, following him... He was done for! He had no more strength! Courage! A light shone in the distance; oh! What a delicious joy! It was his Fiancée’s house! One more step! Onwards! That someone chased him, almost reaching him; but he was safe! It was her house, it was the sound of the orchestra, it was the bright light; it was the salvation! Some spirit—courage! And before

crashing against the gray and cold slabs of the tomb, it seemed the stalking figure opened their arms to him. And it also seemed those were the frozen arms of Death...

A sunray, thin and slim, came in through a crack in the stone.

*

He woke up sweaty, burning with fever. Across his livid face, a larva moved around sluggishly. He wanted to scream, but from his mouth came only a muffled grunt that scared him. He opened the arms to make sure of life and, in the darkness, the arms hit the walls.

He thought, then, about his dream—and sadly realized that it was, in truth, on one of those days, the birthday of his Fiancée. Which was the date of his death? Who would know if that wasn't really the festive day! The whole past irrupted, tumultuously from the shadows, and he relived the long hours of contemplation, or melancholy, in which all his being was a believer worshiping an idol. And once again, suddenly, he began facing his situation as a dead man.

Long hours went by; the sunray had disappeared, and a bell rang from afar, mournful and moving, what should be the tolls of a Hail Mary. The sad sound of bronze, reaching his ears, spoke of life and freedom. Freedom! The endless delight! Oh! How painful it was to die this way, lonely, conscious, defenceless, abandoned; without the pleasure of fight, without the effort of salvation! And why did they bury him alive? A thousand times he cursed the criminal stupidity that sent him to death! The sobs and tears burst out, and he fell asleep senseless, endlessly suffering, hopelessly crying; waiting for Death...

*

When he woke up the next morning, he saw sun shafts—the only ones who brought him the fondness of a visit to his grave.

Surprised that he was still buried, he tried getting up and felt like passing out. He felt a ravenous hunger and a burning thirst. Oh! Forty-eight long and endless hours without eating, without drinking! Without drinking! He felt the stomach empty and cold and the tongue, dry, clicked. Once more he tried getting up and once again, couldn't. The whole day, long as a desert; the whole night, empty as the silence, through it all he stayed partly in deep sleepiness, partly awake, with a strangling urge to eat and drink.

One more time the sun which should be the day; one more time the morning which should be the life!

The buried listened at his feet a thin squeak; the eyes flared up for a moment with pleasure and reaching out his restless hands he caught a rat, alive and soft. Opening the lips in a smile that must've been of stupidity, bestial and hungry, he lifted the rat to the mouth, cold, rough, disgusting, squeaking and squealing between the teeth. Oh! But the thirst! The thirst that that repulsive meat had increased! The hunger that it had made grow!—And then, in an herculean effort, he rose; stared at the darkness for a moment—with a deep, calm, still look. Suddenly, howling like a caged beast, he tore his clothes apart, wrecked them—and, naked, wild, roaring and crying of despair, shredded—with his teeth - the white meat of his arms. Blood flowed in froth crimson waves, and he swallowed it, tossing his head, scooping it up in order to not lose a single drop, sucking that hot, thick, living blood down his throat, down into his stomach, shrunken by hunger.

A hoarser roar, two leaps against the wall where he broke the head, and from where more blood flowed and covered his face in a red mask. He had gone mad.

One more time, for the last time, he climbed the stairs. He knelt down, gritted his teeth, intertwined his fingers in a damned prayer—and stayed dead, still, rigid and naked, covered in scarlet blood, like the gray cold marble of his sepulcher...



THOMAZ LOPES

Thomaz Lopes was born in Fortaleza, on November 16th 1879, and died in Dacos, Switzerland, on July 15h 1913. He was a lawyer, journalist, poet, writer and diplomat. He occupied chair 37 at the Academy of Letters of the state of Ceara, and was the author of the hymn of that state. He published 11 works, including one novel, two poetry books, short stories, chronicles (?) and travel reports.



acknow- ledgments

Agradecimentos / Acknowledgments

Gostaríamos de agradecer a todos que apoiaram a realização desta edição, desde nossos patreons até os apoiadores do Catarse, bem como nossa equipe de voluntários, em especial Luiza Cantoni, Marina Ferreira, Renata Torres e Terrie Hashimoto, que doaram suas habilidades a esta edição.

We'd like to give a big thanks to everyone who supported the making of this issue, from our Patreons to our Catarse supporter, as well as our team of volunteers, namely Luiza Cantoni, Marina Ferreira, Renata Torres, and Terrie Hashimoto, who lent their skilled hands to this issue.

Our Beloved Patrons:

Gente Boa! / Good Person!

Amanda Pavani, Michel Peres, Thiago Floreste

Camarada! / Comrade!

Andrew Hatchel, Bruno Vial, Eliana M. Ugarte Gabriela Colicigno, Giu Domingues, Jonas Dias, Leo Melo, Mayra Vendramim, Nicholas Davies, nirev, Santiago Santos, Thiago Ambrósio Lage

Beloved!

Illimani Ferreira, Laura Moynihan, Lisa Hunt, Milena Araujo

Consagrated!

Caesar Ralf Franz Hoppen

Nossos amados apoiadores no catarse:

Alessandra Lima dos Santos, Ana Carolina de Magalhães, Ana Paula Serrano, Ana Rüsché, André Colabelli Manaia, Ariel Ayres, Arthur Breccio Marchetto, Barbara Martins, Bruna de, Azambuja Sanguinetti, Bruno Vial, Caesar Ralf Franz Hoppen, Camila Fernandes, Chara Nery, Cristiano Vaniel, Daniel Fernandes Rosa Lopes, Danilo Heitor Vilarinho Cajazeira, David Montenegro, Diego Sanches, Djara Galvão, Edilene Sampaio, Editora Circuito Camaleão, Editora Escambau, Eni Alcantara Picchioni, Eric Novello, Fabiano Denardin, Fátima Montenegro, Felipe Castilho, Fernanda Castro, Fernando Gomes Favacho, Francine Emilia Costa, Francisco Verri, Gabriel Cardoso, Gabriel Rocha Gonçalves, Gabriel Yared, Gabriela Colicigno, Gabriela Orlando Zeppone , Giovani Gomes, Giovanni dos Reis Nunes, Gisele Pimenta de Oliveira, Grazielle Ruzzante Giangiulio, Helena Paes, Hiderlene Montenegro, Jana Bianchi, Jayne de Lima Oliveira, João Victor Burgos Fernandes, Job Nicolau Travaini, Jonas de Moraes Custódio, Jota Oliveira, Júlia Medeiros, Júlia Serrano, Juliana Almeida Cordeiro, Kali de los Santos, Karen Alvares, Karina Setogutte Loureiro, Larissa Brasil, Lenoir Parise Casemiro, Lígia Colares, Lis Bittencourt Vilas

Boas, Luana Caroline Cruz da Costa, Luana Mercurio, Lucas Garofalo, Lucas Mota, Lucas N. Santana, Lucas Soriano De Mello Barroso, Luciana Freire, Luciana Silva Vaskevicius, Luisa Anabuki, Luisa Montenegro, Luisa Peixoto, Luísa Rabello, Maíra Tainá Magalhães, Marcela Veras, Marcell de Oliveira Santos, Marcelo Garcia, Mariana Rabelo Mathaus Ramos, May Barros, Michel Peres, Miriam Santos, mtk, Natália Bugarin, Natascha Helena Franz Hoppen, NIKELLEN WITTER, Rachel Pires Deforme, Raquel Geribello Setz, Raul Sousa Paz, Renata Oliveira do Prado , Ricardo Balbino, Rita de Cássia de Oliveira, Roberto Pellanda, Rodrigo da Rocha Santos, Rodrigo Ortiz Vinholo, Saskia Sa, Seridião Correia Montenegro, Sofia Soter Henriques, Tamires Nagase, Thiago Ambrósio Lage, Thiago Montenegro, Thiago Rodrigues Carvalho, Tiago Valença, Toni Moraes, Valeria Colabelli, Victor Almeida, Walter Britto Gaspar, Zack the Jack

Obrigada, lindos!

